

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO (CCAIE)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

“AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE”: devoção e conversão na
festa de São Pedro de Barra do Camaratuba e aldeia Cumaru

RAYSSA MORAIS DE BARROS

RIO TINTO

2018

RAYSSA MORAIS DE BARROS

“AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE”: devoção e conversão na
festa de São Pedro de Barra do Camaratuba e aldeia Cumaru

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso Bacharelado em
Antropologia da Universidade Federal da Paraíba,
campus IV em atendimento às exigências para
obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia –
habilitação Antropologia Visual.

Orientador: Oswaldo Giovannini Junior

RIO TINTO

2018

**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

B277a Barros, Rayssa Morais de.

"AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE": devoção e conversão na festa de São Pedro de Barra do Camaratuba e aldeia Cumarú / Rayssa Morais de Barros. - Rio Tinto, 2018.

111 f. : il.

Orientação: Oswaldo Giovannini Junior.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. História de vida; Religião; Festa. I. Junior, Oswaldo Giovannini. II. Título.

UFPB/BC

RAYSSA MORAIS DE BARROS

“AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE”: devoção e conversão na festa de São Pedro de Barra do Camaratuba e aldeia Cumaru

O presente trabalho foi submetido à avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências da **Atividade Acadêmica Trabalho de Graduação**, como requisito parcial para obtenção do **Grau de Bacharel em Antropologia, habilitação em Visual**, na Universidade Federal da Paraíba.

TCC defendido em ____/____/2018, obtendo o conceito _____ e nota ____, sob julgamento da banca examinadora a seguir:

Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Junior
Orientador – UFPB

Prof. Dr. João Martinho Braga de Mendonça
Examinador – UFPB

Prof. Dr. Luciana de Oliveira Chianca
Examinador Externo – UFPB

Rio Tinto
2018

Dedico este trabalho à minha família,
parentes e amigos que foram essenciais
para este dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo seu infinito amor que com grande carinho me sustentou de pé e fez com que tudo convergisse para o meu bem e desempenho, me fortalecendo a cada dia que se passava, e tornou realidade o dia no qual eu sozinha não tornaria real.

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo e ajuda nos momentos de fraqueza.

Ao meu noivo Alberto pelo apoio em toda trajetória percorrida, seu incentivo foi de grande importância para chegar até aqui.

Às minhas amigas Maria Elita, Gilvania Oliveira e Severina Sarafim pelos bons dias que me proporcionaram nessa nossa jornada árdua, o quarteto formado por nós foram fortes para que nenhuma ficasse no meio do caminho.

À comunidade da Aldeia Cumaru, especialmente a Pedro de fogo, sua esposa dona Raimunda, pelas entrevistas e conversas saudáveis de lembranças, suas filhas e nora Ilza. Josineide (Nova) e seu irmão Josenilton pelo grande carinho e contribuição para minha pesquisa, Edvaldo e sua esposa Lurdes pela contribuição. Assim como à comunidade de Barra do Camaratuba em especial à Mãe Santa que me concedeu entrevistas valiosas e Prudência que me manteve informada de toda festividade que ocorria, tanto religiosa quanto profana.

Agradeço muito à minha amiga de ensino médio Lidiane, sua mãe Salomé e sua irmã Liliane pelo acolhimento em sua casa nos dias de campo, tornando meu campo de pesquisa mais próximo.

Ao meu professor e orientador Oswaldo Giovannini pela força e incentivo que dedicou quando os meus desânimos chegavam, a sua presença e dedicação foi muito valiosa e de grande importância para a elaboração desse trabalho.

À minha mais nova amiga Edith Carmen pelo apoio indispensável e mão amiga nas horas das dúvidas.

Ao ARANDU – Laboratório de Antropologia Visual da UFPB e AVAEDOC – Grupo de estudo de Antropologia Visual, pelo apoio técnico com o empréstimo de materiais para auxílio da pesquisa e os encontros de discussão sobre a produção audiovisual.

Ao Glauco Machado dedicado mesmo em férias para me ajudar na edição do filme.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte direta ou indiretamente dessa trajetória de graduação, pesquisa de campo para o trabalho final, de vida pessoal e etc. Agradeço a vocês de coração e que possamos seguir adiante realizando sonhos.

“Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia”

Bíblia Sagrada, Tiago 3:17

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.

| | |
|----------------|-----------------------------------------------|
| AGICAM..... | Agicam Agroindústria Camaratuba S/A |
| BR | Rodovia Federal |
| CRISTAL..... | Cristal Mineração do Brasil |
| LYONDELL..... | LYONDELL Chemicals Company |
| MILLENIUM..... | Millennium Inorganic Chemicals Mineração LTDA |
| PB | Paraíba |
| PBTUR..... | Empresa Paraibana de Turismo |
| RN | Rio Grande do Norte |
| TI..... | Terra Indígena |
| UBS..... | Unidade Básica de Saúde |

RESUMO

O presente trabalho etnográfico foi realizado na comunidade de Barra do Camaratuba distrito de Mataraca e na aldeia Cumarú - Baía da Traição, ambas localizadas no estado da Paraíba. O objetivo foi pesquisar e analisar o ritual das solenidades do São Pedro que acontece entre os dias 20 e 29 de junho. A análise desse ritual foi feita com base na experiência religiosa de Pedro José, conhecido popularmente por Pedro de Fogo, tal recorte foi indispensável para a pesquisa, pois a história de vida de Pedro de Fogo outrora esteve de forma intrínseca conectada à formação do ritual de procissão entre as duas comunidades. Mas também, com a descrição de vários personagens, oriundos de posições sociais e religiosas diferentes. A conversão de Pedro de Fogo a outra denominação religiosa levantou novas questões, levando a buscar compreender como se dava a continuidade do ritual nas duas comunidades, especialmente no que se refere às procissões de recebimento e devolução da imagem do São Pedro, como também, de quem era a atual responsabilidade pela mesma. Para o alcance do objetivo coletei de dados por meio da observação participante, descrevendo todo o ritual por meio de narrativas orais e registro fílmico. O trabalho começa com a apresentação do sentido da festa e da percepção de sociabilidades, para que por meio disso possa compreender a ligação entre as comunidades citadas. Em seguida apresento Barra do Camaratuba e Aldeia Cumarú num esforço de configurar seu campo religioso e suas mudanças, tendo como foco central a festa de São Pedro e a história de vida de Pedro José (Pedro de Fogo). Ao final apresento o roteiro do filme etnográfico e exponho seu processo de criação e as dificuldades encontradas em campo de uma antropóloga nativa. Enfim, o trabalho apresenta uma dinâmica manifestada pelas visões da tradição, em um ambiente definido por oposições religiosas.

Palavras chave: História de vida; Religião; Festa.

ABSTRACT

The present ethnographic work was carried out in the community of Barra do Camaratuba district of Mataraca and in the village Cumaru - Baía da Traição, both located in the state of Paraíba. The objective was to research and analyze the ritual of the solemnities of the Saint Peter that takes place between the 20 and 29 of June. The analysis of this ritual was based on the religious experience of Pedro José, popularly known by Pedro de Fogo, such a cut was indispensable for the research, since Pedro de Fogo's life history was intrinsically connected to the ritual formation of procession between the two communities. But also, with the description of several personages, coming from different social and religious positions. The conversion of Pedro de Fogo to another religious denomination raised new questions, leading to an understanding of how the continuity of the ritual in the two communities occurred, especially with regard to the processions of receiving and returning the image of St. Peter, as well as who was the current responsibility for it. To reach the goal I collected data through participant observation, describing the whole ritual through oral narratives and film recording. The work begins with the presentation of the sense of celebration and the perception of sociabilities, so that through this can understand the connection between the communities mentioned. Next I present Barra do Camaratuba and Aldeia Cumaru in an effort to configure their religious field and its changes, focusing on the feast of Saint Peter and the life story of Pedro José (Pedro de Fogo). At the end I present the script of the ethnographic film and expose its creation process and the difficulties encountered in the field of a native anthropologist. Finally, the work presents a dynamic manifested by the visions of tradition, in an environment defined by religious oppositions.

Keywords: Life history; Religion; Party.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras:

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 Mapa de localização de Barra do Camaratuba – Mataraca/PB..... | 31 |
| Figura 2 Travessia ida em 2017..... | 33 |
| Figura 3 Travessia volta em 2017..... | 33 |
| Figura 4 Travessia ida em 2018 | 33 |
| Figura 5 Travessia volta em 2018..... | 33 |
| Figura 6 Mapa de localização da Aldeia Cumaru - Baia da Traição/PB..... | 34 |
| Figura 7 Grupo do coco de roda da Barra | 41 |
| Figura 8 Igreja Católica da Barra | 42 |
| Figura 9 Entrevista coletiva no Cumaru: Dona Lurdes, Edvaldo, Nil e Nova 2018..... | 43 |
| Figura 10 Início da reunião para definir a banda 2017..... | 53 |
| Figura 11 Término da reunião..... | 53 |
| Figura 12 Barraca de São Pedro 2017..... | 54 |
| Figura 13 Bingo 2017 | 55 |
| Figura 14 Quadrilha Asas Douradas | 55 |
| Figura 15 Forró pé de serra 2017..... | 56 |
| Figura 16 Bonde do Brasil..... | 57 |
| Figura 17 Cartaz de divulgação da festa 2017..... | 58 |
| Figura 18 Percurso de Barra a Cumaru..... | 61 |
| Figura 19 Ida para o Cumaru 2017..... | 72 |
| Figura 20 Igreja São José do Cumaru 2017..... | 72 |
| Figura 21 Procissão do Cumaru 2017..... | 74 |
| Figura 22 Chegada da imagem na Barra 2017..... | 74 |
| Figura 23 Assembleia de Deus e casa de seu Pedro ao lado..... | 76 |
| Figura 24 Pedro de fogo e sua esposa dona Raimunda..... | 78 |
| Figura 25 Seu Pedro emocionado ao falar do momento que pegava no andor..... | 83 |
| Figura 26 Momento que seu Pedro lembra sua conversão..... | 87 |
| Figura 27 Seu Pedro emocionado ao falar da palavra de Deus..... | 92. |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------|------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA | 17 |
| 2.1 | FESTA E SOCIABILIDADE..... | 17 |
| 2.2 | METODOLOGIA..... | 22 |
| 2.3 | BARRA DO CAMARATUBA..... | 27 |
| 2.4 | ALDEIA CUMARU..... | 31 |
| 2.5 | O CAMPO E SUA CULTURA: BARRA DO CAMARATUBA E CUMARU..... | 34 |
| 2.6 | CAMPO RELIGIOSO..... | 43 |
| 2.6.1 | Católico x evangélico: em Barra do Camaratuba e Cumaru | 45 |
| 3 | DESCRIÇÃO DA FESTA DE SÃO PEDRO EM BARRA DO CAMARATUBA | 48 |
| 3.1 | SAGRADO E PROFANO..... | 51 |
| 3.2 | DESCRIÇÃO DENSA..... | 52 |
| 3.3 | <i>"PROCISSÃO DE SÃO PEDRO"</i> | 59 |
| 4 | “AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE”: HISTÓRIA DE VIDA DE PEDRO DE FOGO | 75 |
| 5 | FILME ETNOGRÁFICO | 93 |
| 5.1 | ROTEIRO..... | 94 |
| 6 | CONCLUSÃO | 99 |
| | REFERÊNCIAS | 101 |
| | ANEXOS | 104 |
| | Anexo 01 – Ladainha de São Pedro | 104 |
| | Anexo 02 – Autorização para uso de imagem Raimunda Candido | 105 |
| | Anexo 03 – Autorização para uso de imagem Josineide | 106 |
| | Anexo 04 – Autorização para uso de imagem Josenilton | 107 |
| | Anexo 05 – Autorização para uso de imagem Pedro José..... | 108 |
| | Anexo 06 – Autorização para uso de imagem Maria de Fátima..... | 109 |
| | Anexo 07 – Autorização para uso de imagem Edvaldo Roberto..... | 110 |
| | Anexo 08 – Autorização para uso de imagem Maria de Lurdes..... | 111. |

1. INTRODUÇÃO

O estado da Paraíba é amplo em estudos sobre suas manifestações culturais, incluso em trabalhos que apontam a identidade local. As manifestações religiosas são primordiais para interpretar a dinâmica de relação social dentro e fora da comunidade, pois vai além do detalhamento das manifestações, mas representa a realidade social do atuante.

O presente trabalho é fruto das indagações levantadas ao longo dos estágios supervisionados na academia, levando em conta o que traria como objeto de pesquisa para o trabalho final. Fizem parte dessa trajetória dois objetos que pretendi trabalhar até chegar ao objeto definitivo, em 2015 minha primeira opção como objeto para o trabalho era a fabricação da cerâmica Potiguara, realizada por dona Chiquinha, uma senhora de etnia Potiguara da aldeia Galego, atual Alto do Tambá, de semblante simples que trazia para seus dias o que aprendeu com sua avó. De início foi feito um exercício prático para a disciplina de Memória, Narrativa e Oralidade, onde em um grupo de três pessoas com Maria Elita e Gilvania Oliveira fizemos uma entrevista com dona Chiquinha para podermos conhecer seu trabalho com a argila, o que no ano seguinte não se concluiu porque infelizmente dona Chiquinha veio a falecer.

O momento era de novamente ir à busca de um objeto, então em 2016 pensei em trabalhar a fabricação de armadilhas de captura do camarão, feitos com a fibra de dendê e o fazer artesanal dessas armadilhas ameaçadas pelo desuso devido à inserção da tecnologia. Então decidi pesquisar algo dentro da localidade onde eu resido.

Barra do Camaratuba¹ e aldeia Cumaru são comunidades separadas pelo rio Camaratuba e ao mesmo tempo correlatas, nos revela habilidades de pescadores, agricultores, dançadores, artesãos, funcionários públicos, universitários, cortadores de cana-de-açúcar entre outros.

Conheci Barra² ao final de 2006 quando meus pais decidiram morar no local até então desconhecido para nós, vida nova em lugar novo sempre é difícil para se adaptar, mas aos poucos nos introduzimos. Antes dessa mudança, morávamos em Bananeiras cidade do brejo Paraibano e terra natal dos meus pais, meus dois irmãos e eu nascemos João Pessoa capital da

¹ Uso este termo por se tratar da desembocadura do rio Camaratuba formando uma barra do lado esquerdo do rio, também por ser uma fala local utilizada pelos nativos, pode-se ainda encontrar referências a este termo em Gekbede Dantas da Silva (2006).

² Expressão usada pelos moradores para identificar que se trata de Barra do Camaratuba.

Paraíba. Minha permanência definitiva na comunidade de Barra só foi concluída em novembro do mesmo ano de 2006. Com meu ingresso na Universidade Federal da Paraíba – UFPB em 2013, os questionamentos sobre o lugar que faz parte do meu cotidiano começaram a aparecer, com mais de três anos de curso e chegando ao momento de definir o tema do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, observei como um objeto concludente de pesquisa a devoção ao São Pedro padroeiro local e seu traslado para a aldeia Cumarú.

Conversando sobre a festa e a tradição religiosa local com Maria de Fátima Madeiro, popularmente conhecida como Mãe Santa³, tive a informação de um senhor que outrora era o responsável por receber a imagem de São Pedro no dia 24 de junho na aldeia Cumarú e devolver para a Barra no dia 28 de junho, como parte do ciclo litúrgico da festa. Então procurei conhecer Pedro José ou Pedro de Fogo como é conhecido, por tamanha responsabilidade meu objetivo era conhecer de perto a vida do homem tão citado por Mãe Santa, e apresentado a mim como “protestante”. Ora, o que levou seu Pedro de Fogo a se tornar evangélico já que durante anos sua religião era a católica? E agora quem tomou pra si essa responsabilidade? Assim também como ele outros praticantes católicos se converteram à religião evangélica. No decorrer do texto apresentarei possíveis respostas para essas perguntas conforme me foram cedidas pelos meus interlocutores.

O andamento da pesquisa me encaminhou ao entrelaçado entre história de vida e continuação do ritual, contando com outros interlocutores além de Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) e Pedro José (Pedro de Fogo): Dona Raimunda (esposa de seu Pedro), Josenilton (Nil) e sua irmã Josineide (Nova), Edvaldo e sua esposa Lourdes (Lurdes). Através desses interlocutores tive o conhecimento de diversos eventos e mudanças dentro do contexto da festa de São Pedro.

Meu olhar voltou-se para o crescimento de evangélicos⁴ dentro da aldeia Cumarú e sua influência sobre os católicos das duas comunidades. Cumarú conta com uma maior concentração de evangélicos, começando pelo próprio cacique da aldeia.

Portanto, neste trabalho pretendo evidenciar de modo específico como se constrói essa dinâmica de relação social entre as duas comunidades, a determinação de manter viva a

³ Moradora local, pertencente à família tradicional Madeiro, este cognome é usado por muitos anos e por todos os moradores da comunidade.

⁴ Este termo inclui as denominações representadas pela Igreja Batista, Assembleia de Deus – Madureira, Assembleia de Deus – Missão, Assembleia de Deus – Belém.

tradição de traslado da imagem de São Pedro e o que a influência evangélica tem causado na aldeia e na religião católica da mesma.

Faz-se importante apresentar aqui minha vivência religiosa como também da minha família. Em 2007 meu pai foi o primeiro a se converter na igreja Assembleia de Deus ministério de Madureira, vindo eu em seguida no mesmo ano, depois meu irmão “do meio” com oito anos, e então no ano seguinte minha mãe se converteu, e meu irmão mais novo na época com dois anos de idade nos acompanhava, todos na mesma igreja. Tal conversão nos sucedeu após seis meses de nossa chegada em Barra do Camaratuba. Para nós, a estada em um lugar onde não temos nenhum familiar foi naquele de ano de 2006 um choque acompanhado por desânimo, sentimento que ainda perdurou até hoje. Atualmente ainda existe esse desejo de voltar para a terra nativa dos meus pais. Embora ao longo dos anos esse sentimento de estar afastado do seio familiar tenha sido amenizado, até hoje nossa casa se encontra à venda, provando que meus pais não se sentem bem na comunidade de Barra.

Como antropóloga e evangélica encontrei dificuldades para realizar a pesquisa de campo, algumas aversões tomaram conta de mim nos primeiros contatos. Dizer que encontrei familiaridade no campo de pesquisa de mais acesso que foi o católico estaria mentindo. Por partes dos fiéis houve um ótimo acolhimento, alguns estranhavam minha presença sabendo que era de outra religião, mas em mim o sentimento era de estar no lugar “inconveniente”, isso falando como evangélica e não como antropóloga, esse sentimento de repulsa encontrado neste campo foi o que mais me fazia questionar se: aquilo daria certo? E como seria? Qual o comportamento dos católicos ao me verem? Será que teria aceitação? Diversas indagações surgiram durante toda a pesquisa.

A antropologia e a necessidade de me introduzir no campo me ajudaram a agir de maneira mais natural, colocando à parte o meu lado evangélico. Precisava entender que eu estava ali como pesquisadora e não como cristã que professava uma fé com princípios diferentes.

A Antropologia como curso e ensinamento também foi uma tapa na minha cara, posso assim dizer. O encontro e o contato com outras culturas de início me marcaram e me fizeram, por um tempo, querer desistir, mas percebi que ao longo dos meses que se passavam, compreendi que era importante ter conhecimento de outras culturas, assim como outras

religiões. Apesar de ouvir um amigo⁵ dizer: “Quando você sair do curso não será mais crente!”, decidi confiar em mim e no que aprendi durante os anos anteriores ao meu ingresso na vida acadêmica. A maior justificativa do meu amigo foi dizer que pela diversidade de culturas e religiões que eu iria ver todo o ensinamento que tive na igreja evangélica não ia me manter com o mesmo pensamento. Por fim, minha visão de antes não é a mesma de hoje, atualmente consigo ver as diversas religiões com um olhar antropológico que tende a estudar e entender e não criticar, mas permaneci evangélica.

⁵ Edison Rodrigues é um companheiro de amizade que faço referência, formado em ciências sociais ele foi e é um grande aconselhador nas minhas horas de desespero acadêmico e até pessoal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

O propósito desta pesquisa etnográfica é fazer uma descrição das solenidades de São Pedro que acontecem entre os dias 20 e 29 de junho na comunidade de Barra do Camaratuba, distrito de Mataraca-PB e na Aldeia Cumaru, Baía da Traição-PB. A festa de São Pedro acontece em Barra do Camaratuba desde 1986⁶. Trata-se de uma festa em homenagem ao santo padroeiro da comunidade. Em 1988⁷ a festa passou também a ser partilhada mais intensamente pela comunidade Cumaru, aldeia indígena potiguara, a partir da iniciativa de Pedro José (Pedro de Fogo), morador local. Desde essa época ela acontece nos dois locais.

Nesta seção será apresentado o campo no qual foi realizada a pesquisa, acompanhado dos conceitos de festa, sociabilidade e campo religioso. A seguir, trato da metodologia utilizada na pesquisa, em outras palavras, a forma com que o trabalho foi realizado, o método de abordagem para obtenção dos dados.

2.1 FESTA E SOCIABILIDADE

No Nordeste, assim como em todo território brasileiro são realizadas muitas festas, dentre elas as religiosas conhecidas como festas de padroeiros. Essas festas têm sido comemoradas por muitos anos e as datas comemorativas concernentes a santos padroeiros se destacam por muitas décadas. Embora as festividades religiosas venham de longas datas, compreende-se que apenas foram “trazidas” para o Brasil durante o “*século XVI pelos padres jesuítas como o frei Fernão Cardim (1584) e que a sua aceitação foi imediata pelo conteúdo estético dos fogos e fogueiras*” (CHIANCA, 2007, p. 50).

As festas do ciclo junino se iniciam no dia 12 de junho, véspera de Santo Antônio e encerra dia 29 de junho, dia de São Pedro. Cada data concernente ao santo acompanha sua simbologia, assim como destaca Chianca (2007, p. 67) as definições dadas aos santos em diversas localidades do Brasil, Santo Antônio é o “santo casamenteiro”, conhecido por atender aos pedidos de casamentos de homens e mulheres que o invocam por meio de simpatia. São João é o santo “dos casamentos”, nessa época do ano alguns casamentos

⁶ Dado obtido em entrevista com Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa).

⁷ Na mesma entrevista com Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) obtive esse dado que está entre os anos de 1988 e 1989, a exatidão não foi possível, pois a interlocutora não recorda de certeza o ano, mas recorda ser bem próxima a construção da igreja.

comunitários são realizados, e São Pedro “chaveiro do céu”, inclusive acredita-se que ele segura em suas mãos a chave para abrir a porta do céu para os que assim merecerem. Sob o mesmo ponto de vista, também pode lhe acrescer a São Pedro o sentido de padroeiro dos pescadores, como por exemplo, é o termo usado para o santo pelos moradores de Barra do Camaratuba. Isto acontece com maior frequência em comunidades pesqueiras que o tem por padroeiro, fazendo menção da imagem como um simples homem que era pescador e em ato de amor abandonou tudo quando ouviu o chamado de Jesus para pescar almas para o reino de Deus.

Entre os anos de “1900 e 1920” nas cidades de Natal por nome de Cidade Alta e Ribeira as comemorações aos santos do mês de junho eram celebradas com “missas e procissões”. Santo Antônio e São João, durante a pesquisa de Luciana Chianca, eram os santos mais midiáticos entre os jornais com suas celebrações religiosas, contudo, São Pedro era o santo que tinha a comemoração mais discreta em relação aos outros, “*aparecendo pouco ou quase nada na imprensa*”. A igreja não tardou em perder seu “*poder de mobilização*” com a crescente adesão popular aos eventos lúdicos, assim ela percebeu que a união dos eventos lhe seria favorável para conquistar a influência perdida por um tempo, esta decisão fez com que a igreja realizasse festas em seus próprios pátios (CHIANCA, 2007, p. 52, 54).

A solenidade em homenagem ao São Pedro em Natal é apresentada por Luciana Chianca como sendo o “*único evento litúrgico*” que reunia uma superabundância de pessoas durante a procissão de barco feita no rio Potengi, o principal rio de Natal. Entre os anos de “1986 a 1989 o seu dia foi decretado feriado (ou semi-feriado) na função pública municipal”. Além do ato de devoção com o São Pedro, alguns outros eventos aconteciam e eram organizados pelos principais bairros de Natal, Rocas e Alecrim, em que São Pedro é o patrono. “*A paróquia de São Pedro organizava ainda seus ofícios litúrgicos associando-os à sua quermesse com barracas, apresentação de quadrilhas, sorteios, parque de diversões e pescaria*” (CHIANCA, 2007, p. 56).

Outro exemplo de festejo ocorre na cidade de Mamanguape, situada no estado da Paraíba, que tem dois padroeiros, São Pedro e São Paulo, diferenciando-a do povoado de Barra do Camaratuba – PB e dos bairros de Rocas e Alecrim – RN que tem apenas São Pedro como patrono. Outro contraponto entre esses locais é a travessia pelo rio que não ocorre em Mamanguape, porém “*é o dia de maior festa nas ruas da cidade de Mamanguape*”. A cidade também apresenta ao público o “*hasteamento das bandeiras em frente à igreja*” esse evento

não é praticado em Natal e Barra do Camaratuba (CAVALCANTI, 2017, p. 18). A festa é um evento grande que modifica os locais com a concentração de pessoas, barracas, arranjos e etc.

A festa de São Pedro tem data significativa no calendário em diversos lugares no Brasil, suas inúmeras configurações se mostram em um ou mais pontos diferentes de outros locais que se destacam com os mais belos eventos para a população, adaptando a festividade de acordo com sua região.

O realizar esta celebração traz elementos fundamentais da cultura, memória, tradição, identidade, e por fim o compromisso de manter viva a tradição cultural. Segundo Lea Perez (2012, p. 22) a festa tem uma influência permanente “*em nossas vidas individual e coletiva*”, é um acontecimento contínuo que se adapta ao calendário constantemente, a devoção ao padroeiro é um ato religioso que acontece todos os anos na mesma data. É, portanto o evento que aglomera muitas pessoas e por meio disso marca acontecimentos em forma de celebração, “*os momentos culminantes*”, ou seja, atinge o grau mais alto de encenação em áreas públicas, ruas e praças. Segundo Ikeda e Pellegrini:

As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal. (apud CAPONERO E LEITE 2010, p.101)

Amaro (2014) apresenta uma definição sobre as sociedades com base em Durkheim: são estas que produzem seus deuses conforme necessitam. Em virtude disso, “*a essência da religião é a divisão do mundo em fenômenos sagrados e profanos*” (DURKHEIM, 1993, p. 322). Durkheim retrata a religião como sendo um estado que compreende o relacionamento entre indivíduos, mostrando que a religião surge do composto de representações que tem sua origem na sociedade, sendo a forma em que a sociedade se apresenta, destacando a coletividade presente nas representações religiosas.

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos

coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1993, p. XVI)

Essas representações são para Durkheim o fruto da vida social, ou seja, é uma ação nascida e construída do coletivo. Para a formação das representações que conta com a participação do coletivo é necessário uma grande cooperação:

[...] uma multidão de espécies diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações neles acumularam sua experiência e seu saber. (Durkheim, 1993, p. XXIII)

Perez (2002) no texto “Dioniso nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo” destaca a surpresa na década de 1810 de dois viajantes por nome de Spix e Martius causada pela “*quantidade de dias santos e feriados civis que havia no Brasil*”, é nele que compreendemos que as procissões, marchas e cortejos são apresentados como atividades urbanas mais antigas, (PEREZ, 2002, p. 23.). Léa Perez esclarece no mesmo trabalho que a festa age como forte ponto de conexão, seja ela sacra ou mundana, isso não tem relevância, o mais notável é o espaço de reunião, o ajuntamento de pessoas formando a coletividade. Assim como Durkheim, Léa Perez afirma que em tais momentos as pessoas se reúnem e se expressam revelando valores, comportamentos, emoções e visões de mundo presentes em suas sociedades. Cada parte ou lugar tem sua construção que incorpora a crença, costumes, sociabilidade e outros.

Em Simmel (1983) pode-se encontrar o termo sociabilidade definido por ele como “*interação entre indivíduos*”, esta interação tem por base os objetivos que são comuns entre as pessoas, que favorecem os encontros que os unem formando vínculos sociais. Com a finalidade de compreender essas interações o autor apresenta o conceito de “*sociação*” para indicar as formas ou modos de como os indivíduos se relacionam. Diante disso, o convívio entre os indivíduos é parte fundamental da minha pesquisa, com o intuito de compreender a convivência entre as pessoas dos povoados de Barra e Cumaru. Portanto, os inúmeros “*impulsos*” motivados pela sociabilidade fazem com que os indivíduos convivam uns com os outros estabelecendo uma unidade que o autor dá o nome de “*sociedade*”. Dessa forma, a sociedade é constituída pela relação social que se define por partilharem de um mesmo propósito, levando em conta que estão “*ligados uns aos outros por efeito das relações*

mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade” (SIMMEL, 2006, p. 18).

Durkheim e Simmel são autores de conceitos diferentes no que se refere à relação entre o coletivo e o indivíduo. O primeiro destaca e apresenta maior apreço ao domínio do coletivo deixando de lado a importância que ocorre na interação entre indivíduos, já o segundo recupera o personagem principal existente nos indivíduos, como também possibilita a observação da diversidade de conteúdos na festa a qual também conta com o conflito como uma forma de socialização. Leonel (2010) apresenta a conformidade entre Durkheim, Simmel e Perez em torno da sociabilidade assim o autor expõe o que encontra em Perez (2002).

[...] encontro a confluência teórica de dois autores fundamentais da sociologia clássica, Durkheim e Simmel, quanto à compreensão dos fenômenos festivos e religiosos como práticas e representações culturais. A análise desses fenômenos não deve ficar apenas na superfície manifesta, ou seja, nos conteúdos, mas deve-se também compreendê-los mais a fundo, como formas geradoras de relações de sociabilidade, aproximando-os das formas puras sociológicas nos quais, relacionar-se é a questão mais fundamental. (Leonel, 2010, p.37).

Sob o mesmo ponto de vista, podemos identificar que as situações compartilhadas habitualmente entre os indivíduos são motivadas por interesses e necessidades, estes elementos são fundamentais para as realizações das festas que também se configuram como sociabilidade. Esta inclusive se torna importante na minha pesquisa para melhor compreender as relações que envolvem as duas comunidades: uma comunidade formada por diferentes funções e uma aldeia potiguara, separadas ambas pelo rio. A festa de São Pedro bem sabe como qualquer outra festa para o seu começo e organização se faz necessário socializar com as partes envolvidas, no entanto, essa festa que acontece em Barra do Camaratuba a sociabilidade acontece com o intuito de unir as duas comunidades para um mesmo objetivo, que é a devoção ao padroeiro de Barra.

Em suma, é importante frisar os laços estabelecidos entre as duas comunidades através do sagrado, os conceitos de troca e reciprocidade é evidente no traslado do santo. Dar, receber e retribuir são ações usadas por Mauss (2003) para remeter a agregação de pessoas que gera laços e relações sociais, assim também a festa é o momento de estabelecer vínculos. A prestação total não se restringe apenas em retribuir o presente recebido, mas trabalha em volta de outras duas ações importantes, obrigação de dar, por um lado, obrigação de receber,

por outro. *“Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra, é recusar a aliança e a comunhão”* (MAUSS, 2003, pag. 202). Mauss diz que tudo vai e vem, onde se vivesse em constante troca de uma matéria espiritual que compreendesse coisas e homens.

O que ainda nos ocorre é o ato de reciprocidade, dar e receber, isso acontece com presentes e convites, o que não pode acontecer é “ficar em dívida”, isso acontecendo pode-se iniciar uma guerra. As coisas que então são vendidas acredita-se que tem alma e são acompanhadas pelos antigos proprietários, o que não devolvendo trará mal e assombração ao devedor. Igualmente acontece na festa do padroeiro de Barra, o traslado do santo acontece com intuito de que no dia marcado ele seja devolvido, e como forma de retribuição a aldeia Cumaru trás a imagem incluso com as ofertas e arrecadações como modo de agradecimento que por fim, cria e reforça vínculos sociais.

Sendo assim, os laços criados na vivência das comunidades e pela festa podem ser explicados pela fala de Severina Márcia da Silva⁸, *“é nesse momento que o aprendizado da ação coletiva ou mútua une os laços de afetividade e de amor ao lugar onde é realizada a festa”* (SILVA, 2017, p. 19). Ainda, *“as festas produzem sociabilidades, interações...”* (SILVA, 2017, p. 20)

2.2 – METODOLOGIA

O método científico para coletar dados utilizado pela antropologia, é a etnografia. A forma de obter o resultado etnográfico de uma pesquisa é o trabalho de campo, o trabalho consiste em ter um contato prolongado com o objeto, pois assim durante meses e até anos, pode-se familiarizar com a cultura do outro. A experiência da pesquisa etnográfica pode ser definida em dois polos importantes, onde uma mostra o que se encontra na primeira impressão, quando ainda não houve contato com o objeto, resultado do palpite, e a outra, o que descobre com a pesquisa em seu andamento, o trabalho de campo é definido a seguir:

⁸ Monografia apresentada ao curso de Antropologia da UFPB intitulada de A FESTA DE SANTOS REIS NA CIDADE DE ITAPOROROCA – PB, Rio Tinto, 2017.

[...] o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório, no caso de um psicólogo experimental, ou a pesquisa de gabinete de um economista. O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras das escolas e assim por diante. (BRANDÃO, 2007, p. 12)

Como parte de uma etnografia, a “*observação participante*” possibilita partilhar ocasiões, momentos e estágios da vida de uma pessoa, grupo ou comunidade. Para o campo religioso é um método excelente, pois possibilita a inserção de maneira mais densa dentro das práticas e representações que são experimentadas pelas religiões escolhidas para a pesquisa. Por meio deste método o pesquisador pode acompanhar de modo contínuo o episódio de estudo:

[...] nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos, acompanha-los em suas visitas e passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas. [...] Esses mergulhos na vida nativa – que pratiquei freqüentemente não apenas por amor à minha profissão, mas também porque precisava, como homem, da companhia de seres humanos – sempre me deram a impressão de permitir uma compreensão mais fácil e transparente do comportamento nativo e de sua maneira de ser em todos os tipos de transações sociais. (MALINOWSKI, 1978, p. 31, 32)

Malinowski aplica a observação participante como um método de pesquisa, esta prática consiste em contato direto, propiciando melhor compreensão da vida social. Diante disso, a metodologia utilizada na pesquisa foi a observação participante, juntamente com as coletas de dados que foram realizadas por meio de registros de imagens e narrativas orais. Para obter as informações foram necessárias diversas idas a campo, principalmente visitas à casa de Pedro José (Pedro de Fogo) e a observação do ritual da festa de São Pedro. No entanto, apesar de residir na comunidade onde ocorre a festa, o modo de observar o ritual tornou-se mais amplo na intenção de entender a relação social entre Barra e Cumaru.

Não somente utilizei a observação participante como metodologia, mas também a “*História Oral*”, este método consiste em “*fazer uma interpretação da fala do outro, reconstruindo não apenas os eventos, as experiências e os processos sociais, mas o sentido*

atribuído pelo seu praticante” (MENEZES, 2005, p. 23). A História Oral sofre resistência por parte de pesquisadores que são adeptos de validar apenas trabalhos escritos, em consequência da incerteza que permeia a fragilidade e fidedignidade da memória humana. Porquanto, a história oral permite ao pesquisador através da confiança do depoente utilizar de diversas ferramentas de investigação, por se tratar de um conteúdo interdisciplinar em especial as áreas da sociologia e antropologia, contudo, sua aplicação incorpora as demais áreas de educação, serviço social e outras.

A História Oral quanto a sua originalidade foi fortemente debatida formando indagações para compreender onde ela se integraria, e o que de fato seria “*uma disciplina, método ou técnica de obtenção de informações*” (MENEZES, 2005, p. 29). Por certo, a história oral, na compreensão de Menezes (2005, p. 29), é “*uma metodologia e não uma técnica de pesquisa*”. De acordo com Lang (2001, p. 96):

“A História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões estas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narram” (apud MENEZES, 2005, p. 28)

Assim, a “*História Oral*” não será apenas utilizada com um “*instrumento de obtenção de “dados”, “conteúdos”*”, dessa forma, levamos em consideração as relações sociais que são criadas dentro da técnica de entrevista, com as narrações em suas mais diversas diferenças de “*classe ou gênero*” até mesmo o vínculo “*entre memória e identidade*” (MENEZES, 2005, p. 28). A saber, esta metodologia é destinada a ser mais que uma simples investigação de fatos, sua principal responsabilidade é a “*prática reflexiva*”, partindo então de “*saberes, interesses, discursos e práticas entre indivíduos em posições diferenciadas*” (MENEZES, 2005, p. 29).

A memória tratada por Menezes (2005) é uma definição de lembranças expressas na identidade individual ou coletiva, a inclusão do indivíduo dentro de instituições e grupos é o que se torna em lembrança individual, pode ser estes “*família, a classe social, a escola, a*

igreja, ou o trabalho”, ainda que, as lembranças do passado não serão mantidas de forma completa, pois esta precisa de um acionamento do presente causado no inconsciente, pois assim “o “lembrar” não é viver mais uma vez no inconsciente, mas um ato de reconstrução do que foi vivido no passado utilizando elementos do hoje, tais como imagens e ideias”. Visto que, as lembranças são uma forma de refazer “as experiências do passado” (Ibidem. p. 32).

Por fim, a autora aborda a memória como uma recordação do antigo, como a seguir:

Sendo o trabalho da memória uma evocação do passado, ela tem a capacidade de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total, porque o ato de lembrar conserva o que se foi e não retornará jamais. E isto se constitui como uma garantia da nossa própria identidade, o que nos faz perceber que a mesma se dá como sendo o “Eu reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos”. (MENEZES, 2005, p. 34)

Esther Langdon destaca a iniciativa de Boas em registrar os idiomas que se apresentavam em “*extinção*” na região do litoral noroeste dos Estados Unidos. Para isso Boas fez uso da metodologia de “*registrar e traduzir narrativas tradicionais coletadas entre os últimos falantes das línguas em extinção*”. Além da “*coleta*”, ele fez uso da “*gravação e tradução*” operando aparelhos e destacando, portanto, na “*análise linguística, fidelidade na transcrição e tradução da língua nativa*” (LANGDON, 1999, p. 16).

O registro de imagem apresentado neste trabalho procura assimilar de forma competente os gestos corporais e os sentimentos, permitindo dessa forma uma melhor compreensão dos interlocutores. Suas falas estão repletas de sentimentos antigos e presentes que em contato resultam em gestos, olhares, tom de voz, além de outros sentimentos não verbais presentes em suas palavras.

A gravação do ritual de partilha e das conversas realizadas com Pedro José (Pedro de Fogo), dona Raimunda, Josenilton, Josineide, Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa), Edvaldo e Lourdes (Lurdes), não ficaram como apenas registro de momentos e comportamentos, mas inclui a conexão entre ritual e imagem (FRANCE, 1998).

As imagens são usadas em atividades de campo por muitos anos, como pesquisador Malinowski sempre estava com sua câmera de lado, mesmo não sendo “*um amante da fotografia*” (SAMAIN, 1995, p.30). Por vezes as fotografias eram pensadas por Malinowski

antes de fazê-las, seu estado de felicidade e de dever cumprido nem sempre era satisfatório, pois existia em suas fotografias aquelas que ele perdia por diversos motivos. Malinowski mesmo não sendo amante da fotografia como afirma Samain (1995), seus largos registros fotográficos estão ao longo de seus trabalhos publicados, a exemplo de:

O texto dos *Argonautas* incorpora 65 pranchas (totalizando 75 fotografias). São 92 na *Vida Sexual dos Selvagens* e chegarão a 116 nos *Jardins de Coral*. Um total de 283 fotografias espelhadas ao longo das 1883 páginas dessas três obras complementares. (SAMAIN, 1995, p. 32)

Em meu trabalho utilizei os métodos acima, história oral, observação participante, memória e registro de imagem. A “*observação participante*”, principalmente dentro do campo religioso, me proporcionou uma melhor exploração do tema proposto, pois de perto e de forma natural acompanhei os objetos a serem estudados. Visto que, durante a pesquisa em campo participei de diversos eventos realizados nas duas comunidades pesquisadas, desde a escolha da banda até a festa com banda de forró estilizado. Foi então Malinowski (1978) que sistematizou a ideia de que a inserção do pesquisador no cotidiano era a forma mais precisa para compreender a cultura do outro. Tanto a “*História Oral*” quanto o registro de fotografias se intercalaram como métodos para integrar o trabalho em suas necessidades de obter melhores meios de passar ao público através dos interlocutores e seus testemunhos o modo de vida e compreensão do passado.

Tais métodos foram o suporte para a pesquisa em vários momentos, pois utilizei as entrevistas para compreender e conectar as histórias sobre os eventos que rodeiam o São Pedro, o envolvimento das pessoas, a dedicação em continuar com a travessia e seu início, o observar como participante me introduziu nas procissões de ida para o Cumarú e volta para a Barra durante os dois anos, como também os preparativos iniciais de bandas, barracas, palcos e etc. Através dos métodos, a inserção dentro do grupo observado como observador fez com que o grupo (as pessoas) soubesse de meu objetivo de estar ali, com a plena liberdade de registrar e fazer anotações durante as pesquisas em campo.

Para Lakatos e Marconi (2003) as ciências apresentam seus destaques por empregar “*métodos científicos*”, contudo, nem todas as esferas de estudo que faz uso desses métodos se

configuram como “*ciências*”, “[...] *a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos*” Ainda Lakatos e Marconi ressaltam que:

[...] o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (Lakatos e Marconi, 2003, p. 83)

Em suma, como moradora de Barra e também como evangélica encontrei dificuldades quanto à escolha da pesquisa como nas relações estabelecidas, vista como protestante dentro da comunidade de Barra, a população católica me via de forma estranha. Percebia isso pelos olhares quando estava dentro da igreja católica ou andando pela festa, tais comportamentos não fazem parte do meu cotidiano, mas o estranhamento não se configura apenas ao público que me via, este era muito exercido por mim, principalmente nos encontros que precisei participar de momentos exclusivos dos católicos como procissão, novenas, missa e outros. Na sua maioria o campo me causava uma imensa repulsa, coisa que me colocava a tomar decisões e brigar simultaneamente com meu interior quando a vontade maior era abandonar tudo e retirar-me para casa, esse desejo de desistir foi constante durante o campo, mas como pesquisadora e determinada a fazer o campo embora sentir que estava em território entranho foi o estopim para assim concluir o que estava incumbida a fazer.

2.3 – BARRA DO CAMARATUBA

O distrito de Barra do Camaratuba pertence à cidade de Mataraca, Litoral Norte paraibano (fig. 1). Situada à cerca de 115 Km de João Pessoa/PB e 118 Km de Natal/RN, Mataraca é a última cidade litorânea do Estado da Paraíba, fazendo divisa com o Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente, o acesso à comunidade de Barra do Camaratuba se dá através das Rodovias BR 101 e PB 065. Uma rota alternativa também pode ser usada para quem quer ter acesso à comunidade vindo pela Baía da Traição, fazendo a travessia do Rio Camaratuba por meio de uma balsa. Ao sul faz divisa com a Aldeia Cumarú, terra indígena e município de Baía da Traição/PB.

Ao chegar ao município de Mataraca pode-se ter acesso à Barra do Camaratuba pelo asfalto ou “*estrada de baixo*”, refere-se assim por ser a estrada mais antiga. Segundo

Bacalháo (2006), a estrada perpassa “*uma grande extensão da mata atlântica e do pântano*”, no caminho é possível encontrar muitas árvores frutíferas, tais como manga, coco, caju, frutapão, oliveira (azeitona). Essa estrada continua sendo utilizada tanto por moradores de Barra quanto de Mataraca, grupos de aventureiros de rali e por alguns turistas. Barra do Camaratuba está localizada entre dunas, fragmentos de mata atlântica e manguezais, a comunidade é composta por pescadores, agricultores, artesãos, funcionários públicos, universitários, cortadores de cana-de-açúcar entre outros (Bacalháo, 2006, p.15). A Barra hoje em dia conta com uma casa de taipa que é intitulada de “Tapera Artesanato” onde os artesões da comunidade se dedicam ao trabalho de crochê, tapeçaria, filtro dos sonhos entre outros produtos fabricados que são expostos nessa casa para vendas.

Barra do Camaratuba conta com um turismo contínuo que teve um aumento a partir do asfaltamento da PB 065 e da PB 061 concluído em 2015 com recursos do governo da Paraíba e sob-reivindicação dos moradores locais. Além disso, concordando com Silva (2006, p. 95-96) pode-se destacar diversas causas do aumento para o lugar, onde destacam três delas: “[...] *chegada dos surfistas, atraídos pelas altas e fortes ondas do mar, influência de João Madruga⁹, ex-presidente da PBTUR, divulgação do lugar [...]*” (Silva, 2006, p. 95-96). Como destaca Silva (2006) vários fatores foram cruciais para o aumento do turismo em Barra, mas como citado acima, houve outras causas que facilitaram o crescimento do número de visitantes na localidade, como por exemplo, “*construção de estradas que dão acesso à construção e a abertura de um caminho de piçarra*” estas estradas abriram passagem dos turistas até a localidade e até ao encontro do rio com o mar. Atualmente, este turismo se tornou mais intenso com o asfalto, e os diversos campeonatos de surf e vendas de terrenos, casas e arrendamento de pousadas para estrangeiros. (Silva, 2006, p. 97)

A comunidade tem em sua volta grande extensão de terra utilizada para plantio de cana-de-açúcar que pertence à usina AGICAM, anualmente durante seis meses ou até mais um pouco dependendo de quanto dure a safra, a usina faz a moagem empregando moradores locais, de Mataraca e até de outros estados. Após esse período de moagem muitas pessoas são demitidas de suas funções, sendo admitidas na próxima moagem da cana seis meses depois, gerando empregos instáveis para muitos moradores de Mataraca e região. Durante este

⁹ João Madruga da Silva conhecido popularmente por João Madruga foi o prefeito de Mataraca “nos anos 70” e também de 2007 a 2008 quando assumiu a prefeitura com a morte do prefeito do mandato Ivan de Menezes Lira, e de 2009 a 2012 quando se candidatou a prefeito e ganhou, porém não concluiu seu mandato vindo a falecer no mês de agosto do último ano de sua gestão.

período de moagem a cidade modifica muito o tráfego de caminhões conhecidos por ‘Julieta’, ônibus e outros, também interferem no fluxo de pessoas, pois a usina contrata, no período da moagem, diversas pessoas de outras cidades.

Em 2009 o parque eólico Vale dos Ventos PacificHydro deu início ao seu funcionamento na Barra. A empresa responsável criou o “Fundo Comunidades Sustentáveis” para contribuir com o desenvolvimento de Barra do Camaratuba. Pessoas da comunidade interessadas e maiores de 21 anos que residam ou possuam trabalho formal em Mataraca/PB podem apresentar projetos e conseguir financiamentos para suas ações. Estes projetos priorizam as seguintes áreas para desenvolvimento da comunidade: “*Educação e treinamento, cultura e artes, esporte, recreação e turismo, saúde e bem-estar e meio ambiente*”. Os projetos compõem os cursos para crianças, jovens e adultos de: crochê, ponto cruz, tapeçaria, culinária, ciclismo, instrumentos musicais, entre outros. Além disso, a empresa fez parceria com a escola local Antônio Madeiro da Costa e elaborou o projeto “*Barra Limpa*” para conscientizar a população na preservação do meio ambiente. (PacificHydro, 2017).

A AGICAM e a Pacific Hydro são empresas distintas. A AGICAM (empresa de fabricação de álcool a partir da cana-de-açúcar) até os dias atuais gera emprego para a cidade de Mataraca e poucos para a Barra mesmo em tempo de moagem. Dizem que para conseguir uma oportunidade de emprego é preciso ter um apadriamento¹⁰ dentro da empresa. A Pacific Hydro (empresa de geração de energia renovável) durante sua estadia e conclusão das torres eólicas gerou muitos empregos para a localidade de Barra, como também trouxe muitas pessoas de fora, no entanto, atualmente nenhum morador de Barra trabalha nesta empresa. Ainda sobre a Pacific Hydro, muitos moradores de Barra alegam que a localidade não terá mais um crescimento por meio de investimento de gringos¹¹, pois com as torres eólicas acreditam que “*poluíram*” a paisagem.

Em 1980 instalou-se na região uma empresa extratora de areia de nome GEMMIL¹². Opera com a extração de areia retirada da própria praia nas marés baixas. Seu maior pico de trabalho acontece quando a maré atinge seu ponto mais baixo, possibilitando o tráfego de caçambas puxadas por tratores. Esta ação claramente causa um impacto ao meio ambiente,

¹⁰ Alberto Augusto morador de barra e Técnico de Segurança da AGICAM me passou essa informação, onde o termo é usado para caracterizar uma pessoa conhecida, da família, ex-professor entre outros, pois é este que indica sua formação e pede uma chance ao setor responsável.

¹¹ Essa expressão foi usada por Valfran Inácio (morador de Barra) para se referir a pessoas estrangeiras, segundo ele antes das torres eólicas essas pessoas vinham para a Barra e investia em terrenos, casas e outros.

¹² Informação obtida com José Alceu Madeiro, morador de Barra.

porém já foi debatido e questionado por moradores locais que nenhuma atitude poderá ser tomada contra isso, pois como afirma uma moradora *“esse trator causa impacto ao meio ambiente retirando areia da praia, mas a gente não pode fazer nada, eles são protegidos legalmente”*,¹³ é uma declaração que mostra o quanto a população está “presa” sem poder agir contra os que chegam ao lugar e se apossam.

Além do turismo, a agricultura, a pesca e o comércio fazem parte das atividades econômicas da população. A agricultura é voltada para o plantio de batata, macaxeira e feijão, a pesca artesanal ainda é realizada por alguns moradores, alguns arriscam suas vidas em alto mar com suas violentas ondas, já outros fazem uso do mangue para captura de siri, aratu, caranguejo uçá e guaiamum. A venda do pescado é feita por um mercado dentro da própria comunidade, ou em Baía Formosa – RN. Esses peixes são vendidos em diversos locais, na casa do próprio comerciante, nas feiras que geralmente acontecem em Mataraca aos sábados, e também nas ruas com o uso de uma moto e uma caixa de isopor para armazenar os peixes. As pescas ainda existentes são artesanais, com o uso de redes postas no mar e despescadas todos os dias, muitas vezes pela manhã e pela tarde, todos os pescados são vendidos dentro da localidade por ser feitos em pequenas embarcações.

A colônia de pescadores de Barra do Camaratuba é a responsável por mediar o seguro defeso para os pescadores de Barra como também alguns de Cumaru e Mataraca, para receber este seguro os pescadores devem se adequar aos requisitos exigidos: *“exercer a pesca de forma ininterrupta, estar impedido de pescar no período do defeso a espécie que captura”*, estarem com o cadastro *“ativo no Registro Geral de Pesca (RGP), não ter vínculo empregatício ativo”* (INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL), tais requisitos deve ser seguido por homens e mulheres que se declaram pescadores e o comprovem.

¹³ Declaração feita por Luana Mendes de maneira informal.

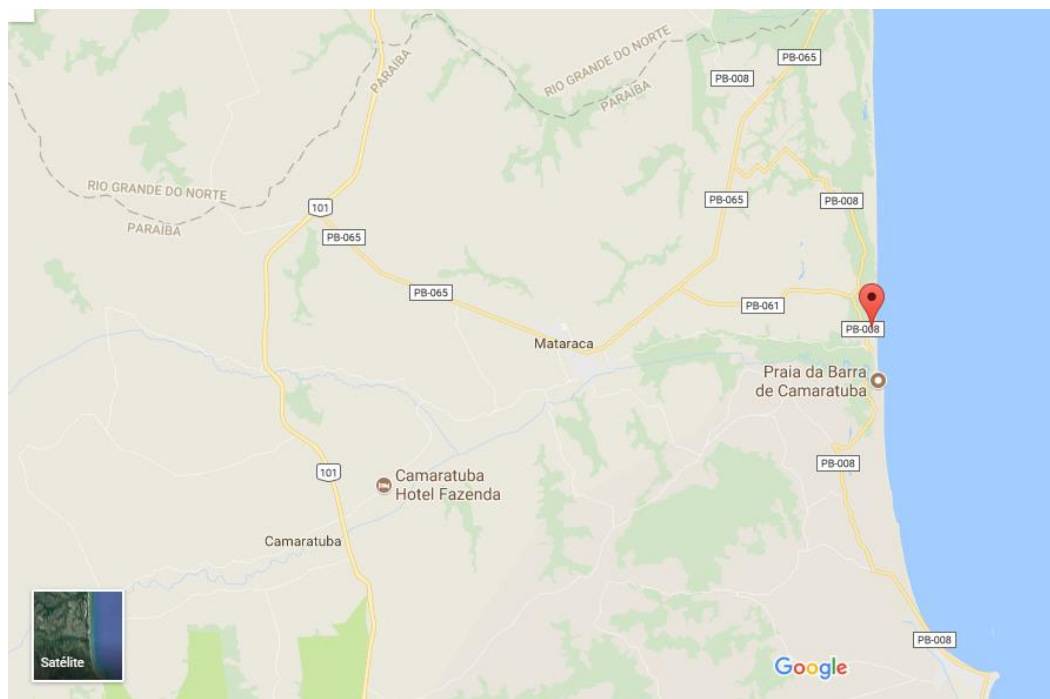


Figura 1 Mapa de localização de Barra do Camaratuba – Mataraca/PB Fonte: <https://goo.gl/maps/dn2dhLAmcNB2> Acesso: 17 de outubro de 2018.

2.4 – ALDEIA CUMARU:

Cumarú é uma aldeia indígena Potiguara que pertence ao município de Baía da Traição-PB, posicionada ao sul de Barra do Camaratuba. A aldeia Cumaru é vizinha da aldeia Lagoa do Mato, aldeia São Francisco e aldeia Galego (atual alto do Tambá).

Em estudos de Araújo (2017) e Cardoso (2012) os dados totalizam uma população Potiguara em 19 mil indígenas, além dos municípios citados anteriormente essa população se expande até outros estados que não foram contabilizados. Além do número da população aumentar com os anos, o número de aldeias reconhecidas aumenta para “32 aldeias” conforme (ARAÚJO, 2017, p. 22.). Divididas em três terras indígenas (TIs) adjacentes nos municípios citados acima a população é estimada em “19 mil” indígenas aproximadamente. As divisões em terras Potiguaras seguem o seguinte esquema “A TI Potiguara (população de 8.109 pessoas), a TI Jacaré de São Domingos (população de 449 pessoas) e a TI Potiguara de Monte Mór (população de 4.447 pessoas)” (CARDOSO, et al, 2012, p.15).

A separação entre Barra do Camaratuba e a Aldeia Cumaru é feita pelo Rio Camaratuba. É notória a ligação entre esses dois povoados, de um lado uma aldeia Potiguara e

de outro uma comunidade diversificada. Esse elo vai além do rio, os laços de amizade são prezados pelos moradores por meio de muitas atividades. Dentre estas atividades estão o coco de roda dançado por pessoas das duas comunidades e a tradição da festa de São Pedro. Essa festa se configura com o evento em que as duas comunidades estabelecem vínculos simbólicos mediados pela devoção ao santo católico, contudo não compartilham o mesmo padroeiro, uma vez que, desde o ano de 1992 quando ocorreu a inauguração da igreja católica do Cumaru que o patrono da aldeia Cumaru é São José:

Josenilton (Nil): Em 92, exatamente agora em abril tá fazendo, agora em abril.

Josineide (Nova): Foi em abril?

Josenilton (Nil): Foi, no mês de abril, foi quando na, na...

Josineide (Nova): Da igreja?

Josenilton (Nil): Da igreja, se não me engano foi 20 de abril a inauguração da igreja, aqui da, da aldeia Cumaru né, 92 em. (05/05/2017)

Uma vez que, parece que essa informação do padroeiro do Cumaru nunca foi estudada de maneira metódica, pois até muito recentemente acreditava-se que o patrono da aldeia Cumaru seria também o São Pedro o mesmo padroeiro da Barra. Mas, durante meu primeiro ano de pesquisa Josenilton (Nil) me passa a informação que São José é padroeiro do Cumaru desde 1992. Bacalháo (2006) aponta através de informações que Barra e Cumaru compartilhavam “*o mesmo padroeiro*” por ter muita coisa em comum, o padroeiro também foi apresentado como mais um ponto em comum entre as duas comunidades. (Bacalháo, 2006, p. 144)

Anualmente é realizada no período de junho uma travessia pelo rio, da Barra para Cumaru levando a imagem do santo padroeiro daquela comunidade. Depois de quatro dias ocorre o inverso onde os moradores do Cumaru o devolvem o santo para a Barra. Não somente laços de amizade estão sendo celebrados, mas também existem vínculos de parentesco entre moradores de Barra e de Cumaru, além das aldeias circunvizinhas. Sobre esse vínculo Bacalháo (2006) vai destacar:

Essas afinidades entre as comunidades estão presentes no artesanato, no lazer na Boca da Barra, no trabalho nas empresas e nas pousadas. O coco, o rio e a relação de parentesco entre os moradores das duas comunidades são fatores que contribuem para o estabelecimento de um relacionamento social comunitário. (Bacalhão, 2006, p. 13)



Figura 2 Travessia ida **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.



Figura 3 Travessia volta **Fonte:** Rayssa Morais, 2017



Figura 4 Travessia Ida **Fonte:** Rayssa Morais, 2018.



Figura 5 Travessia Volta **Fonte:** Rayssa Morais, 2018.

Além desses pontos em comum, alguns moradores de Barra e Cumaru compartilham o mesmo trabalho na usina AGICAM, como também a aldeia tem morador concursado na prefeitura de Mataraca e exerce sua função em Barra.

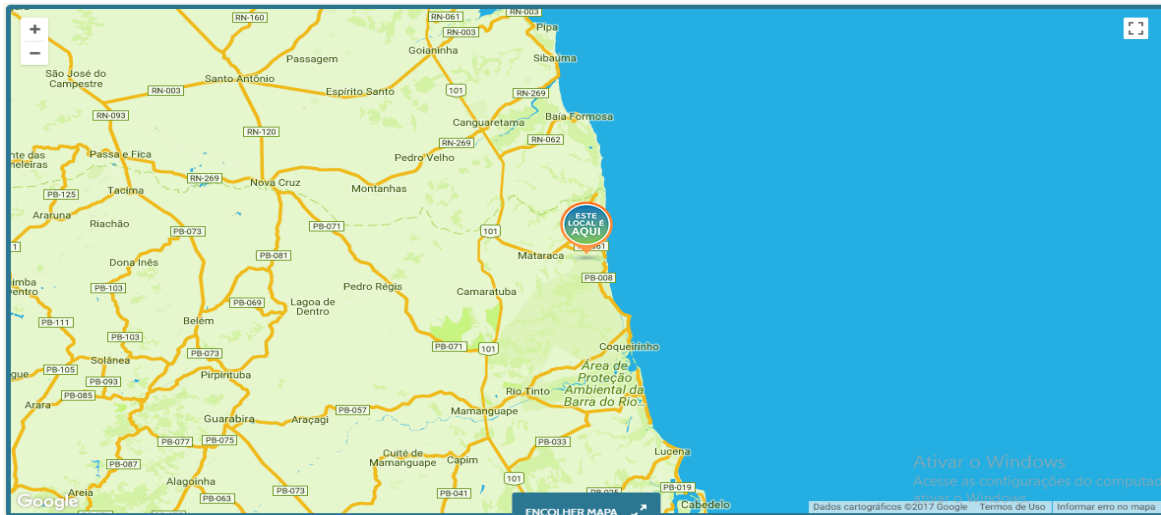


Figura 6 Mapa de localização da Aldeia Cumaru – Baía da Traição/PB **Fonte:** <http://www.trilhasdospotiguaras.com.br/pt-br/destinos-e-trilhas/aldeias/aldeia-cumaru/> Acesso: 2017

2.5 O CAMPO E SUA CULTURA: BARRA DO CAMARATUBA E CUMARU

A festa e devoção ao São Pedro abordada neste trabalho retrata a cultura local de Barra do Camaratuba, esses eventos foram pesquisados há alguns anos abordando inclusive as modificações ocorridas na tradição religiosa do mês de junho. O contexto atual de Barra vive a intervenção da prefeitura municipal da cidade como também outrora já acontecia:

[...] observamos que as manifestações populares, na grande maioria, foram realizadas pelos nativos e, no contexto atual, a prefeitura começa a organizar e a intervir ocasionando uma relativa mudança na realização da festa de São Pedro, o que ocasiona ressignificações e refuncionalizações, conspirando também o período marcado pelo desenvolvimento da atividade turística”. (SILVA, 2006, p. 34)

As observações de Silva (2006) em seu ano de pesquisa já compreendiam a interferência da prefeitura no objetivo de turistificar a comunidade de Barra, levando a todo vapor sua divulgação como local propício para veranistas e também turistas. A festa de São Pedro atualmente segue a mesma interferência, talvez até com uma maior divulgação.

Bacalháo (2006) apresenta o que já se trazia para Barra e Cumaru com o crescimento desenfreado do turismo: *“traz como consequência a crescente desestabilização ambiental, que pode influenciar de forma significativa, ou até mesmo colocar em risco a atual forma de organização daquelas sociedades”* (Bacalháo, 2006, p. 4). Isso nos leva a ver o quanto as comunidades estavam sendo modificadas com a presença de *“outros”*. As pousadas construídas por investidores a beira mar induz o crescimento da comunidade para pontos mais distante da praia, portanto, o turismo gera consequências: *“o crescente aumento da indústria do turismo no local, que pode ter grande influência na vida social da comunidade”*. (Bacalháo, 2006, p. 4)

Entendida como ritos, costumes e outros que passa de geração para geração, a tradição não é constante, ela entra em renovação e se modifica com o decorrer do tempo, pois como aponta Hobsbawn (1997) no capítulo que fala sobre a Invenção das Tradições, um dos pontos que o autor aborda é o conceito definido referente à tradição genuína e tradição inventada. Tradições genuínas o autor apresenta como sendo as *“surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez”*, ou seja, é impossível chegar ao ponto onde esta tradição se iniciou (Hobsbawn, 1997, p. 9). Já a tradição inventada compete um agrupamento de normas que está vinculado à repetição e que:

[...] entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawn, 1997, p. 9)

Como bem apresentou Hobsbawn, a tradição inventada seja ela de *“natureza ritual ou simbólica”* se repete seguidamente, na ideia de dá continuação ao passado ou constantemente manter essa relação de continuidade com o antigo.

Certamente, entendemos que a tradição que é passada de geração para geração engloba o coletivo. Por que trago a definição de tradição nesta pesquisa? Porque Barra do Camaratuba e aldeia Cumaru transmite sua tradição durante o ciclo junino, tanto entre eles quanto para quem está visitando a comunidade. Esta tradição de traslado do santo não para apenas em

Barra ela atravessa o rio Camaratuba estendendo e aumentando seus devotos, e unindo-se com a aldeia Cumaru.

Bem como, exponho a realidade social de Barra e Cumaru a partir das pesquisas feitas para este trabalho e também com base em Silva (2006) e Bacalhão (2006). Ao longo dos anos as modificações de Barra e Cumaru são notáveis em diversos contextos, por meio disso apresento a declaração feita por Bacalhão baseada em suas entrevistas sobre o coco de roda¹⁴, o que naquele ano acontecia como uma brincadeira para as noites de lua, e no período junino, São João, São Pedro e Santana, ela afirma “*atualmente, eles também seguem esse mesmo calendário para a realização do coco*” (Bacalhão, 2006, p. 13). Esta afirmação feita em 2006 é difícil usá-la nos dias de hoje pra referenciar uma brincadeira que ainda acontece, pois com o passar do tempo essa tradição do coco de roda se perdeu. Barra somente ocasionalmente pratica a dança como também Cumaru. Diante disso, esclareço tais afirmações com base em relatos orais¹⁵ obtidas na aldeia Cumaru recentemente com Josineide (conhecida como Nova), Lourdes (Lurdes), Edvaldo e Josenilton (mais conhecido como Nil), onde afirmam que o coco de roda:

Josineide (Nova): antes tinha o coco de roda né, a tradição, eu lembro quando eu ainda era criança era nos sábados a noite se não me engano.

Lourdes (Lurdes): Era

Josineide (Nova): O pessoal se reunia pra fazer essa... se encontrar e dançar, dançava com muita vontade que hoje em dia não existe mais, era um encontro deles mesmo para brincar, pra dançar, para se divertir, num né isso Lurdes?

Lourdes (Lurdes): A semana passada teve aqui na casa do irmão Dadá

Nova: Dadá, ele de vez em quando faz né? (Informação Oral)

Para compreender esse evento perguntei quem dançava o coco de roda, falo “quem dançava” porque era no momento uma entrevista coletiva, e mesmo sabendo que dentre os quatro interlocutores a única resposta de certeza que eu tinha era a resposta de Edvaldo que seria sim, que dançava. Faço essa afirmação baseada na pesquisa de Bacalhão (2006) quando diante de uma entrevista os entrevistados afirmam que haveria apresentação de coco de roda, pois Heleno (Dadá) diz que se apresentaria junto com seus irmãos Zezé e Edvaldo para cantar,

¹⁴ Coco de roda é uma dança praticada entre os Potiguaras da aldeia Cumaru e a comunidade de Barra do Camaratuba, onde os praticantes se apresentavam em períodos juninos e festas populares.

¹⁵ Entrevista realizada em 19 de agosto de 2018.

portanto apresentaria o que aprenderam com seu pai, que tinha se tornado crente¹⁶. As respostas foram as seguintes:

¹⁶ Este termo está relacionado ao evangélico que segue de maneira firme suas obrigações, demasiado zelo pela doutrina que lhe é imposta pelos ensinamentos da igreja evangélica, termo que não caracteriza denominação e nem ministério, apenas usado para definir uma pessoa “protestante” que segue leis mais rígidas.

Josenilton (Nil): Eu dancei

Josineide (Nova): Nunca gostei muito não.

Josenilton (Nil): Inclusive era lá em casa. Esse aqui (Edvaldo) bateu muito no zabumba.

Josineide (Nova): Eu era mais de olhar.

Josenilton (Nil): Com o pai dele seu Didão.

Edvaldo: Fomos até para João Pessoa.

Josineide (Nova): Aline (irmã) que dançava.

Josenilton (Nil): Aí todo sábado era coco de roda lá em casa.

Edvaldo: Em Barra de Camaratuba fui umas cinco vezes lá.

Josineide (Nova): Aline e Novo (irmãos de nova e nil)

Josenilton (Nil): Aí veja só como é o movimento né, as pessoas começa migrar, foram pra Santa Catarina, metade da aldeia aqui foi pra Santa Catarina, outros pro Rio Grande do Norte, aí vai começando a perder, uns companheiros se convertem a uma religião, num quer mais, os outros desestimulados, porque como eu falei: existe sempre aquele articulador, aquele cara que levanta os outros né, e começa bater o zabumba sozinho aqui, quando tu olha chega um cara do lado bota uma garrafa de cana começa beber e rodar em cima dela, quando tu imagina tá formada uma roda e o coco acontece, então é ... Edvaldo era um desses incentivadores do coco, seu Didão pai dele também e tocava muito, inclusive lá em casa, tinha um salão, salão que papai fez e tinha esse coco. Era sagrado todo sábado, era um evento aqui no Cumarú, aí depois foi se perdendo, aí vem outra influência de música, aí a galera agora que não gosta mais de coco de roda prefere outros estilos de dança.

Edvaldo: Dizem que é dança pra velho.

Josenilton (Nil): Não quer mais, porque talvez seja feio, mas não é, né? Porque é muito bonito, né, o coco!

Edvaldo: Não era pra ter chegado a isso não, porque é uma tradição de muitos anos né, eu mesmo aprendi a prática com o meu pai quando ele ia, eu com idade de 10 anos por diante, aí eu: _pai deixa eu ir, pai ia pra onde? Pro Catú, ia mais meu Jenário meu primo. Aí ele: _vai não meu filho, cresça mais quando você crescer eu levo. Aí quando ele saía por aqui pra brincar aí eu acompanhava.

Josenilton (Nil): Aí sentia...vontade!

Josineide (Nova): Gostava!

Edvaldo: Aí eu aprendi os gestos dele bater o zabumba, fumo pra João Pessoa, fumo pra Lucena, aqui na Barra de Camaratuba fui várias vezes. Fui convidado pela a...

Edvaldo: Ela se comprometeu, a não, voltando a proposta né a falecida Joana.

Josenilton (Nil): Sim, Nazaré não!

Josineide (Nova): Nazaré mãe de Maria é?

Josenilton (Nil): Que Joana? Ah, Joana de Melo.

Edvaldo: De Melo.

Josenilton (Nil): Ela era incentivadora desse...

Edvaldo: Ela mandava um recado aqui pra mim, eu comparecia lá e ela perguntava por quanto eu brincava, passava a noite, aí eu dizia é tanto, ela pegava meu documento e ficava e levava pra prefeitura e é assim.

Edvaldo e sua esposa Lurdes tornaram-se evangélicos e algumas práticas se perderam, mas dançar ou tocar o coco de roda para Edvaldo não é um problema por ser evangélico, além de sentir falta, assim ele diz:

Edvaldo: Hoje eu sinto falta porque, sinceramente, não é porque eu seja evangélico não, mas se o cara me convidar pra brincar um coco eu vou.

Josineide (Nova): Você vai né Edvaldo?

Edvaldo: Vou tranquilamente!

Josenilton (Nil): Mas o que tô tentando deixar claro, se convidar, via, mas é aquela pessoa que tá querendo botar em prática, que não tá tendo, eu não sei se o cacique Dadá que é irmão dele, se tá querendo ainda dá uma levantada, porque inclusive como cacique é responsável pela questão cultural da aldeia, né, o primeiro incentivador, ele gosta, ele num cai fora não, mas isso aí o Cumaru tem essa... Inclusive é até famoso a aldeia Cumaru é a única aldeia famosa pelo coco de roda, e o restante é só toré, o toré, o toré, o toré.

Edvaldo: É!

Josenilton (Nil): O toré aqui não é forte, o toré é como se não fosse da aldeia, aqui é o coco de roda.

Lourdes (Lurdes): Aqui é o coco de roda!

Josineide (Nova): Coco de roda.

Josenilton (Nil): Forte mesmo!

Como uma forma de tradição o coco de roda foi passado entre as gerações, levando os mais novos a verem e apreenderem as práticas dos avós e pais. Desde criança Edvaldo dedicou seus interesses em aprender o coco de roda, como ele mesmo expressa ao pedir ao pai para lhe acompanhar quando seu pai se apresentava dentro da aldeia. No decorrer da

entrevista há uma interação entre os interlocutores para me responder quando pergunto sobre os jovens em querer aprender o coco:

Josenilton (Nil): No tempo dele aqui como ele disse né, o pai dele ia buscar até fora no Catú... por outros cantos ele tinha essa vontade, inclusive ele passou bom tempo tocando e dançando coco.

Edvaldo: Pai com o falecido Emídio que morava no Catú, acolá pra baixo.

Josenilton (Nil): Não conheci Emídio não!

Edvaldo: Pra você ver como era as coisas antes. Pai ia sair no sábado pro Catú, brincava o sábado junto com Jenário, brincava o domingo, na segunda esses três dias, energia não existia, era candeeiro, como dizia o ditado e rolava pra passar esses três dias olhe, saia no sábado, domingo e segunda, e era brincadeira pra valer mesmo, hoje nós vai aí que nem de primeiro ia ali pra Barra, logo que o pessoal da Barra eles num sabe responder, as músicas.

Josenilton (Nil): As músicas!

Josineide (Nova): Porque tem que responder!

Edvaldo: É... Pra cantar e cantar de novo!

Josineide (Nova): Eles tocam, cantam e quem tá dançando responde.

A partir desse diálogo saliento que em Barra não acontece mais o coco de roda em períodos festivos como era costume acontecer anteriormente. Para que esta tradição retorne para a comunidade, recentemente, menos de um mês foi aberto um “projeto”, este projeto foi enviado ao “Fundo Comunidades Sustentáveis” da Pacific Hydro, e foi então aprovado. Este projeto tem o objetivo de ensinar aos alunos a dançar o coco de roda e é intitulado “*Resgatando a cultura*” e nas próximas festividades ter um grupo local para se apresentar. A primeira apresentação do grupo (fig. 1) foi no dia 07 de setembro, aproveitando assim o feriado e os turistas que estavam em Barra para o feriadão. O grupo é composto por pessoas que são moradores de Barra, pois o objetivo deste como descrito por Maria de Fátima Avelar é: “*não deixar a cultura dos nossos avós morrer, trazendo a alegria de antigamente, mostrando ao povo que tem sim alegria sem vulgaridade*”¹⁷.

Trazer de volta o coco de roda como resgate cultural é de suma importância para a comunidade, mostra que ainda há interesse em manter viva a tradição da dança, pois hoje muitos não dançam mais e outros já faleceram.

¹⁷ Informação foi obtida via whatsapp com esta moradora da comunidade, e filha da coordenadora do curso.



Figura7 Grupo do coco de roda da Barra. **Fonte:** Arivanilda Bondade, 2018.

Tanto a dança do coco quanto a festa de São Pedro sofreram mudanças por causa da conversão de várias pessoas às igrejas evangélicas. Em Barra do Camaratuba, no que se refere às conversões, a tradição da festa de São Pedro não sofreu modificações, pois a maioria dos evangélicos não são nascidos no local, ou seja, são pessoas que se estabeleceram na comunidade e também não tiveram desempenho significativo na igreja católica. Na aldeia Cumaru, ao contrário, os evangélicos em sua maioria são nativos da comunidade, e outrora também foram católicos ativos na organização da festa.



Figura 8 Igreja Católica da Barra.

Fonte: Rayssa Morais, 2018.

Em Cumaru diversas pessoas que eram responsáveis pela imagem do santo dentro da aldeia, no período da travessia da imagem durante a festa, atualmente são evangélicos da Assembleia de Deus. Isso imprimiu mudanças a esta tradição. Lourdes (Lurdes) e Josineide (Nova) conversam sobre a festa e sobre a diminuição de pessoas na procissão e na igreja católica:

Lourdes (Lurdes): Eu acho bonito né, eu ia, eu andava muito com São Pedro, gostava de andar com ele e gostava de cantar, abria mesmo a guela para cantar. Eu achava mesmo bonito!

Josineide (Nova): É, Lurdes cantava muito!

Lourdes (Lurdes): Cantava muito, gostava. Às vezes a turma enfraquecia, eu dizia rum bora minha gente vamos continuar, vamos cantar.

Josenilton (Nil): Num tem uma pessoa pra animar?

Josineide (Nova): Aí vai perdendo força né, como ela hoje ela é evangélica, ela não participa mais, mas aí vai perdendo como muitas pessoas, seu Pedro de Fogo, a família toda né, a maioria hoje é evangélico também, aí não participa, tão lá, tão em casa, eles aceitam, mas não tão caminhando junto, aí vai enfraquecendo, por isso que essa tradição ficou um pouco morta né.

Lourdes (Lurdes): Ficou mais fraca!

Diante dessas afirmações pode-se perceber que dona Lourdes tinha um papel ativo na comunidade e na igreja católica. Como disse Nil ela era incentivadora, mas isso muda com sua conversão, assim como seu Pedro de Fogo, que também é lembrado por ser evangélico.

Estas conversões exigiram da aldeia novas atitudes para manter viva a tradição da travessia com o São Pedro.



Figura 9 Entrevista coletiva: Dona Lurdes, Edvaldo, Nil e Nova. **Fonte:** Rayssa Morais, 2018.

2.6 – CAMPO RELIGIOSO

Minha pesquisa está inserida dentro de um campo de estudos da antropologia, o campo religioso brasileiro, o qual tem sido muito debatido e estudado por sociólogos e antropólogos. Por muito tempo o campo tem sido observado e as religiões de maiores atuações analisadas, podemos concluir que as religiões se encontram em ajustes entre crescimentos de umas e “declínio” de outras, como por exemplo, acontece com o catolicismo (PIERUCCI, 2004). Atualmente o campo religioso tem crescido e dado espaço para muitas religiões a exemplo de evangélicos, espíritas e sem religiões. Com esse vasto campo se desenvolvendo, o catolicismo é o público-alvo em declínio, assim discorre a afirmação de Pierucci (2004) [...] “o catolicismo brasileiro perde terreno a cada avanço pentecostal” (Pierucci, 2004). Inclusive, essa redução de “fiéis” tem sido analisada ao longo dos anos por uma “sociologia do catolicismo em declínio”. Esta é a expressão dada para a sociologia por volta de 1950 como forma de fazer compreender que o catolicismo estava passando por essa fase de

enfraquecimento e que ao longo dos estudos a tendência seria aumentar essa evasão já que outras religiões cresciam e se multiplicavam, (PIERUCCI, 2004). Ao mesmo tempo, os laços são fragmentados fazendo com que as religiões tradicionais sofram as consequências.

Segundo Sanchis (1997) há um novo ponto de vista que ele intitula de plural, para definir o estado de alternância de “*religião*” para “*religiões*” mostrando que os brasileiros são adeptos de novos costumes e crenças, levando estes a uma pluralidade maior. O autor aborda a taxa da população católica fazendo comparações entre cidades com menores e maiores percentuais. Em uma análise de dados, em 1991 o Rio de Janeiro, por exemplo, estaria com 59,3% da taxa de população católica, definida pelo autor a cidade menos católica do Brasil, quando comparada a outras regiões no mesmo ano como “*Belo Horizonte 73,3 ou 76,6%*” (p. 28). No último censo do IBGE 2010 a população católica do Rio de Janeiro é estipulada em “*51,09%*” (IBGE, 2010). Este dado apresenta um declínio na população católica quando o Rio de Janeiro é comparado com outras cidades.

Nas últimas décadas foi observado grande crescimento no meio pentecostal. Segundo Sanchis (1997) “*o campo cristão brasileiro*” se torna visível com o movimento maciço da entrada pentecostal. Cita o avanço no crescimento de templos evangélicos, o que seria uma novidade para o campo, sendo uma religião preferencial aos pobres que faz a passagem do catolicismo ao pentecostalismo, esta é considerada “*uma religião de pobres*” por acomodar a população brasileira de “*renda média baixa*”. Não somente opção vinculada ao status financeiro, mas também uma escolha cultural que faz a transição do tradicional ao moderno “*a tradicional, católico-afro-brasileira, e a cultural moderna de escolha individual*” (SANCHIS, 1997, p. 30).

Mediante a pluralidade do campo religioso crescem gradativamente os conflitos. Camurça (2009) se refere a esse conflito chamando de “*guerra santa*”. Este termo é usado pelo fato de haver uma disputa entre as religiões heterogêneas. Portanto, segundo o autor as diversas religiões brasileiras se colocam muitas vezes em situações de divergências e convergências, visto que, os encontros das religiões ocorrem dentro do mesmo campo, quando umas se referem às outras como sendo “*demoníacas*” e que não seguem o mesmo “*credo*” que o seu, onde não conseguem um habitat de união, fazendo ao mesmo tempo uma guerra subjetiva que gera conflitos e até brigas entre seus adeptos:

A atitude de acusação e intolerância às demais religiões e religiosidades (afro-brasileiras, kardecismo, esoterismo), com a consequente rejeição a outras práticas religiosas fora do âmbito de seu credo, parece levar a clivagens e competições, inaugurando no cenário religioso brasileiro uma nova forma de convivência-distinta daquela tradicional dos “empréstimos mútuos” – semelhantes aos modelos de *mercado religioso e campo religioso*, [...] (Camurça, 2009, p. 177).

2.6.1 – CATÓLICO X EVANGÉLICO: EM BARRA DO CAMARATUBA E CUMARU

Minha pesquisa faz uso dos dados acima como base para analisar e comparar as transformações no campo religioso e o crescimento das religiões evangélicas que modificou e modifica o catolicismo. Esse acontecimento de declínio e crescimento de religiões é habitual em diversos lugares, não só no Brasil. Pierucci (2004) e Sanchis (1997) são dois dos numerosos autores que se dedicaram a estudar o campo religioso na intenção de descrever o quanto o mesmo é sujeito a modificações, abordando pontos importantes de desfiliação, rompimento, mudança e etc. Inclusive, é importante frisar que meu campo tem exemplos de alternância entre religiões, do católico ao pentecostal.

Atualmente a Barra contém um total de três igrejas, uma igreja católica e duas igrejas evangélicas, em uma população de 219¹⁸ famílias (dados da UBS - Unidade Básica de Saúde em 2017) nesta população a divisão é entre católicos, evangélicos e sem religião. Novamente trazendo o esclarecimento que em Barra os evangélicos na sua maioria são pessoas que hoje residem na localidade, porém não são nativos do local.

Considerada a maior influência religiosa dentro de Barra do Camaratuba “*Mãe Santa que pertence a uma família tradicional de Barra e que sempre teve mais posses em relação à maioria dos moradores de Barra*” (BACALHÃO, 2006, p. 144). A família tradicional citada é a Madeiro, por muitos considerada a matriarca da localidade, ou em questão de número é a mais populosa família que reside no local. A seguir Bacalhão (2006) evidencia Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) da seguinte forma:

¹⁸ Dado obtido com Maria do Navegante, técnica de enfermagem da UBS de Barra.

[...] seu pai, Tota Madeiro foi “*um dos primeiros*” a ocupar e a legalizar as terras em Barra. Ela tem cinco irmãos e é a caçula. É casada com Genival e tem dois filhos. É dona de um restaurante e de uma pousada na Barra, denominada “*Brisa Mar*”. Mãe Santa contou que Barra passou a pertencer ao município de Mataraca no ano de 1963, pois antes pertencia ao município de Mamanguape. E justificou dizendo: “*nesse tempo não tinha transporte não! Era tudo muito difícil aqui. Não tinha água encanada, a gente ia buscar longe, léguas, e nem tinha luz*”. (BACALHÃO, 2006, p. 20)

Apesar da grande influência, ser considerada a família pioneira em Barra, por muitos é conhecida também como exploradores das terras. Entrevistas concedidas a Bacalhão (2006) atribuem as muitas posses de terras e vendas das mesmas para usineiros e pessoas que não eram de origem local à família Madeiro, deixando claro que isso sempre gerava briga para ter as posses.

Nos dias atuais Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) ainda possui sua pousada, criada em 1990, onde também reside com sua família e fica localizada em frente ao mar. Mãe de dois filhos, avó de um casal de netos e casada com Juvenal, atualmente secretário de turismo do município de Mataraca. Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) ainda é um símbolo de respeito e admiração em Barra, pois durante muitos anos e até hoje ela exerce seu papel de liderança.

Do outro lado do rio, na aldeia Cumaru destaco a história de Pedro José (Pedro de Fogo) e Raimunda (esposa), este homem não é nascido na comunidade, porém sua permanência no lugar vem desde muito novo, por meio de seu pai que decidiu ir morar na aldeia. Por muitos anos seu nome era sempre lembrado no período junino, pois ele com grande devoção se responsabilizava pelo São Pedro e sua estadia na aldeia, esse fato faz dele um ser humano muito lembrado quando se fala na tradição de São Pedro, porém além das lembranças de sua devoção ao santo e sua responsabilidade com a igreja católica, hoje ele também é citado como o homem que abandonou seus afazeres na aldeia e se tornou evangélico. Este exemplo de alternância de religião foi motivado pela voz que ele diz ser o coração expressando o desejo “*o coração disse: o dia é hoje*¹⁹”. E a partir disso, deixou a responsabilidade da imagem de São Pedro com outra pessoa para continuar as solenidades do padroeiro de Barra.

Edvaldo e Lourdes (Lurdes) seguiram caminhos semelhantes, após a responsabilidade de a imagem passar de mão em mão chegou até este casal, nascidos na aldeia, são eles

¹⁹ Expressão usada em entrevista em 09 de abril de 2017.

descendentes de Potiguaras, inclusive Edvaldo é irmão do cacique Dadá. Por um tempo eles eram as boas influências católicas da aldeia, levando o povo fiel a ter animação e partilhar da fé que expressavam em suas caminhadas, porém, isto mais tarde também foi mudado com a adesão à uma nova religião, mais uma vez a evangélica.

3. DESCRIÇÃO DA FESTA DE SÃO PEDRO EM BARRA DO CAMARATUBA

As festas são as representações humanas em céu aberto que se espalham pelas praças e ruas onde se localizam, uma vez que, nem toda festa é realizada a céu aberto, a exemplo de festas particulares. Assim como, independente de suas origens podem apresentar diferentes razões para acontecer, relacionadas à religiosidade, folclórica e bem como ciclos do calendário que é o caso de aniversário, com definições ligadas a louvor, comemorações e devoção a santos, principalmente santos padroeiros, manifestações da memória coletiva e importantes momentos do cotidiano.

Do mesmo modo, como acontece em outras festividades religiosas, a festa de São Pedro é uma cerimônia religiosa que busca na crença do homem alcançar o seu interior e o afeto pelo divino. Por ser um santo identificado como pescador a devoção é mais popular em cidades de faixas litorâneas onde a pesca é prática do dia a dia. Quem descreve essa devoção ao São Pedro em Barra do Camaratuba é Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa):

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): Isso aí, o negócio da devoção do São Pedro vem dos pescadores, né? Aí tinha um parente de papai que era Pedão o pai de Juarez, era Pedro, mas chamava Pedão, então ele antes de fazer essa igreja de ter a primeira capelinha, por que aqui já tinha uma devoção com o São Pedro, porque no dia de São Pedro tinha as procissões, tinha as novenas, tudo. Como aqui tem uma tradição de um terço, oração do terço desde o tempo dos meus avós que era o Antônio Madeiro, aí morreu meu avô ficou meu pai e tio Zé que a gente ia rezar toda noite na casa da minha vó o terço e quando chegava as festas juninas aí tinha o trezento de Santo Antônio, que são as treze noites do 1º de junho até o dia 13 de junho, é os trezentos de Santo Antônio. Quando vinha o dia de São João fazia a procissão de São João, fazia a novena com aquela ladainha cantada em latim, aí vinha o São Pedro, aí fazia a novena toda.

Maria de Fátima Madeiro (Mãe santa) descreve os acontecimentos que houve em Barra enquanto seu pai era vivo, e por meio de um pescador por nome de Pedro, conhecido por Pedão, e que apresentava afeto por São Pedro, este homem convicto de sua fé teve o destemor de pedir ajuda para as pessoas para então poder construir uma capela, o que segundo Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) não tinha em Barra do Camaratuba, então ela segue descrevendo as conversas e decisões tomadas.

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): Aí com uns anos depois, muitos anos esse Pedro pai de Juarez ele tinha vontade de construir uma capelinha aqui em que o nome do, e que o padroeiro fosse São Pedro em homenagem

aos pescadores e esse pobre coitado foi inventar de tirar auxílio pra fazer essa capela, só que ele nunca conseguiu o dinheiro aí foi tempo que papai vendeu a terra a Dr. Belarmino a terra de onde é a eólica e vendeu ao pai de Dr. Belarmino.

Aí papai disse assim: Pedro, Pedinho.

Papai não chamava ele de Pedão, chamava ele de Pedinho.

Olhe eu sei que você meu filho não vai conseguir esse dinheiro nos vamos fazer a capela eu e Zé, vamos fazer a capela e bota o padroeiro São Pedro.

Aí ele: é seu Tota?

É, eu vou fazer!

Apois seu Tota eu arranjei CR\$ 300, vou lhe dá esses CR\$ 300.

Os CR\$ 300 na época eu lembro como hoje foi comprada cinco sacas de cimento a CR\$ 60, CR\$ 6 um negócio assim.

Antes, em Barra do Camaratuba, não tinha igreja e nem São Pedro como seu patrono, também não tinha a festa em comemoração ao padroeiro, mas em 1986 a comunidade passou a comemorar essa festa quando a igreja foi construída há mais de 30 anos, onde se inicia com apenas trezentos cruzeiros, este ato mostra-nos o quão grande foi à devoção deste homem pelo São Pedro, atualmente não tenho informações se ele ainda é vivo. A partir desse momento e conforme é descrito por Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) os eventos religiosos já existiam no período junino antes da construção da igreja, sobretudo, o que vem a mudar depois da construção é a escolha do padroeiro e a festa religiosa e profana simultaneamente.

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): Quando foi feita a primeira capelinha foi que começou as festas de São Pedro que não tinha antes as festas, tinha só a procissão tudo, os festejos e os festejos religiosos, porém as festas profanas não tinha, aí depois da igreja foi que começou fazer a festa religiosa como a festa profana, que é a festa de rua e daí ficou até agora.

Muito embora a Barra tenha iniciado as festas religiosas e as festas profanas no mesmo ano em que se concluiu a construção da igreja, contudo, a aldeia Cumarú só passou a comemorar os festejos e participar da procissão do São Pedro sincronicamente com a Barra por volta de dois ou três anos depois. Como afirma Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa):

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): Olha, eu não lembro não, mas deve ter sido porque não foi no primeiro ano, acho que, não sei qual foi o ano, eu não prestei atenção, o negócio que não prestei atenção o ano em, eu acho que foi, foi depois da igreja, da construção da igreja, quando começou, eu acho que mais ou menos assim entre 87 e 88 que começaram as procissões, porque foi logo assim que fez a igreja com poucos tempos depois uns dois ou três anos depois. Entre 88, 89 assim aí começou essas procissões do Cumaru (...)

Em Barra do Camaratuba a festa acontece em dois momentos importantes, festa religiosa e festa profana²⁰, a festa religiosa acontece na igreja local com a realização dos novenários que são encontros de fiéis em forma de celebração, é uma preparação para algo maior, pois no mês de junho acontece com nove noites sequenciais iniciando no dia 20 até chegar o dia 28 quando completa os nove noites para realizar a missa de encerramento e de comemoração ao São Pedro. Esses novenários são organizados por comunidades convidadas que ficam responsáveis por realizar a animação de cada noite.

Para cada noite de novena uma ou mais comunidades são convidadas, e fica ou ficam na responsabilidade de fazer a animação, estou usando palavras no singular ou plural porque são os integrantes da igreja é que decidem quantas comunidades serão convidadas para aquela noite, assim também como apresentam os temas da noite e para que ou quem seja dedicado. Seguindo toda uma programação, os responsáveis que sempre estão à frente das questões da igreja também se encarregam de fazer os convites para as comunidades.

Já a festa profana acontece em frente à igreja dando iniciando às 21:30 horas, ou mais tarde, mas sempre seguinte ao horário em que termina a novena, com a presença de atrações artística e grupos vindos de outros locais. Quadrilhas e forró pé de serra fazem parte deste momento de diversão para a comunidade, como forma de arrecadar dinheiro para a barraca de lanches São Pedro e outros fins, também acontece o bingo beneficente. Muitos não participam das atrações que acontecem após o noitário, Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) é uma dessas pessoas. Para compreender este fato, observei que são apenas as pessoas com uma idade mais avançada que decidem ir para casa no mesmo instante que saem da igreja.

²⁰ Definição dos momentos de festa usados por Mãe Santa.

3.1 – SAGRADO E PROFANO:

As festas como expressão de uma sociedade nos revelam o significado do sagrado/profano. As significações não são aceitas da mesma forma para todos, isto é, o sagrado pode se revelar em matérias mortas semelhantes a qualquer outra inanimada, do ponto de vista profano, o que vai depender de uma cultura para outra. Como nos diz Eliade: *“a pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere”* (ELIADE, 1992, p. 13). Entende-se, então, que o sagrado constitui em olhar o simples objeto de uma forma sobrenatural, ao contrário do profano que considera o objeto de forma natural.

O sagrado e o profano são determinados pelo tempo, estes dois momentos que configuram o festejo normalmente de padroeiro se aplicam na festa de diversos lugares, do mesmo modo, acontece no São Pedro em Barra do Camaratuba onde seus acontecimentos se destacam um após o outro, o tempo do sagrado ocorre antes do tempo do profano com realizações de missas e noitários, em seguida dá-se o encerramento das festividades, momento chamado pelos fiéis de profano ou de festa, fora do tempo de manifestação do sobrenatural quando acontecem as quadrilhas, o forró pé de serra, o forró estilizado e etc. Sobre este tempo Eliade (1992) vai destacar

Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de Tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado. (Eliade, 1992, p. 38)

O conceito de profano é descrito como um homem que se esvazia da religiosidade que está em si, um homem que não preserva os significados religiosos adquiridos através de seus antepassados. Eliade (1992) destaca:

“Assim como a “Natureza” é o produto de uma secularização progressiva do Cosmos obra de Deus, também o homem profano é o resultado de uma dessacralização da existência humana”. Do mesmo modo que, “[...] o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos [...]”. Portanto, o homem tem seu momento no tempo sagrado e profano, como citado acima, o sagrado não se expressa como o natural, mas como sobrenatural, divinizando objetos que o homem profano por se esvaziar do sentido religioso não expressa a mesma visão. (Eliade, 1992, p. 98)

Embora sejam eventos opostos, como nos ensina Eliade (1992), sagrado e profano aparecem nas festas do catolicismo popular como momentos diferentes, mas complementares. Rituais sagrados como missa e novenas e rituais profanos como forró e bingo são componentes do mesmo evento: a festa de São Pedro acontece dentro do mesmo tempo festivo e extraordinário. A simultânea oposição e a confluência entre sagrado e profano nas festas tradicionais do catolicismo popular complicam um pouco a relação entre os dois fenômenos.

3.2 – DESCRIÇÃO DENSA

A pesquisa se desenvolveu ao longo de dois anos consecutivos com maior enfoque no mês de junho. A primeira observação participante foi em uma reunião que tratava de decidir por votos da própria população a banda que encerraria as festividades do padroeiro, a informação sobre a reunião foi dada a mim por Prudência²¹ via mensagem marcada para as 14:00 horas da tarde de 12 de junho de 2017 onde as bandas acessíveis eram Beto Barbosa, a Loba, Bonde do Brasil e forró Bacana. A condição para votar era estar presente na reunião que ocorria na sacristia da igreja de São Pedro. Já no início da reunião chegou uma jovem para votar e quando viu a câmera irou-se, chegando ao ponto de não votar e relacionar minha pesquisa como sendo obra da prefeitura para obter créditos. Atualmente em Barra tem uns atritos dos moradores com quem estão no poder da prefeitura, atritos que não geram brigas, porém não concordam com a administração formando uma oposição, neste caso a jovem não expressa nenhuma simpatia pela atual gestão da cidade de Mataraca. Esse evento causou

²¹ É uma interlocutora com quem tive mais contato durante o campo de 2017, sobrinha de Mãe Santa, moradora nativa de Barra e por quem obtive todas as informações sobre os eventos no mês de junho do referido ano.

constrangimento em algumas pessoas que ficaram envergonhadas com a atitude da mesma e suas palavras agressivas usadas “*na casa de Deus*” assim expressava uma senhora²².

Percebe-se nesta ocasião uma confluência entre o espaço sagrado e atitudes profanas, apesar do anúncio de Eliade (1992) e dos interlocutores da pesquisa, “*a casa de Deus*” foi então o espaço sagrado usado para a votação e escolha da banda, considerado por eles como profano.

No decorrer da votação a pergunta era feita individualmente “*que banda você quer?*”, mas com a quantidade de pessoas muitas vezes respondiam um após outro sem precisar ouvir a pergunta novamente. Mesmo com poucos votos já se podia observar que a disputa estava entre Bonde do Brasil e Beto Barbosa, a euforia era demasiada, em que gritos e vozes se encontravam ao mesmo tempo.

Seguindo a descrição da reunião, a câmera deixou muita gente constrangida, alguns votavam por detrás de mim para não passar na frente da câmera, vergonha era o que expressavam a todo o momento, além da vergonha de uns, outros vinham à câmera e até dançavam, mas quando descobria se tratar de um trabalho pedia envergonhadamente para que eu apagasse a filmagem, mostrando em sua inocência que apenas pensava em se tratar de uma mera filmagem.

Chegando ao final da votação alguém decide sair na rua com a folha de votação, isso causou um alvoroço enorme e se expressavam: “*já começou errado porque foi para a rua*”, “*se eu soubesse que a votação ia passar nas portas, nem de casa eu tinha saído*”. A indignação perdurou por mais de 30 minutos, quando por fim, após a apuração de todos os votos a banda para este fim seria Bonde do Brasil.

Com o propósito de turistificar a comunidade, a prefeitura investe em atrações que despertem os turistas e os façam visitar a festa, no mais, os comerciantes obtêm proveitos desses momentos para comercializar seus produtos. As distinções aparecem neste momento de festa profana, quando a mesma prefeitura não esboça nenhum compromisso em ajudar a festa religiosa de maneira tão precisa. Motivo e razão ninguém sabe explicar, sabe-se que o profano e o sagrado são tratados de formas distintas, pois a maior preocupação da gestão constitui em fazer uma festa profana apresentável.

²² Esta senhora por nome de Maria Ribeiro conhecida por Maria Anísio, que já faleceu no ano de 2017, ela se revoltou com a atitude da jovem dentro da igreja.



Figura 10 Início da reunião. **Fonte:** Rayssa, 2017.



Figura 11 Término da reunião. **Fonte:** Rayssa, 2017.

Como posto anteriormente na p. 47 deste trabalho, as festividades do São Pedro iniciam dia 20 de junho com a abertura dos novenários, este é o dia que a comunidade de Barra está atuante para comercializar comidas típicas a bebidas e o consumidor e o comerciante se socializam por vínculos de interesse próprio. Visto que, durante os noitários uma barraca (fig. 12) é montada exclusivamente para arrecadar dinheiro para a manutenção da igreja, em material de higiene, limpeza e alguns outros que venham surgir. Todo o dinheiro é colocado em caixa para futuras necessidades, esses lanches são vendidos desde a abertura das festividades até o seu encerramento na véspera de São Pedro.



Figura 12 Barraca do São Pedro **Fonte:** Rayssa Morais, 2017

Para a abertura da festa religiosa no ano de 2017²³ a novena foi com o grupo IX Renascer, Paróquia São Miguel, Baía da Traição – PB. O grupo ficou responsável por iniciar as festividades do período junino e convidar os fiéis para participar das demais noites posteriores, no entanto, neste dia a autorização por parte do padre para a filmagem da novena foi somente antes e depois da pregação. Ao chegar o momento da pregação desliguei a câmera e o gravador, sentei perto da barraca do São Pedro e fiquei esperando a ocasião de poder voltar às filmagens.

Ainda em 2017 o bingo sucedeu no dia 23 de junho, essa mudança foi decidida pelos responsáveis por organizar a festa religiosa e profana do padroeiro, já que anteriormente acontecia na véspera do São Pedro dia 28 de junho e isso causava muito transtorno, tudo isso porque às 16:00 horas do dia 28 os fiéis da aldeia Cumarú traziam o santo até a Barra e quando chegava na igreja faziam a celebração para receber o padroeiro, pouco tempo depois o mesmo pessoal estaria presente na missa que terminava às 21:00 horas havendo pouco tempo para descanso, a correria deste dia fez com que este fosse o primeiro ano para modificar a junção de tantos eventos ao mesmo tempo como explica Prudência.

Olha, a gente decidiu fazer no dia 23 porque no dia da festa era muita coisa pra resolver, tinha que arrumar as coisas. Tem o santo que vem do Cumarú, aí a celebração pra receber ele, à noite a missa, aí depois o bingo, o forró pé de serra e a festa, aí não dava a gente ficava muito cansados.

Conforme a descrição de Prudência, no dia 23 após o bingo (fig. 13), a apresentação estava por conta da quadrilha (fig. 14), e do forró pé de serra (fig. 15).

²³ Primeiro ano da realização da pesquisa de campo, com entrevistas e conversas informais para obtenção de dados.



Figura 13 Bingo **Fonte:** Rayssa, 2017



Figura 14 Quadrilha Asas Dourada **Fonte:** Rayssa, 2017



Figura 15 Forró pé de serra **Fonte:** Rayssa Morais, 2017

Após as apresentações do dia 23 as programações seguiram com as novenas até o dia 28 como já citado. No dia 24 pela manhã é a travessia da imagem²⁴ para a aldeia Cumaru, este momento conta com uma parte da população de Barra para ir à procissão até o Cumaru. Mesmo com a imagem estando na aldeia, a programação das novenas de São Pedro continua acontecendo na comunidade de Barra. No dia 28 a aldeia Cumaru trás o santo em procissão

²⁴ Este está descrito em detalhes nas páginas a seguir, no tópico ritual de troca.

até a igreja local, o pessoal reza e alguns voltam para a aldeia e outros ficam para a festa com o forró estilizado (fig. 16) que rende até 4:00 ou 5:00 horas da manhã do dia 29.



Figura 16 Bonde do Brasil **Fonte:** <https://www.facebook.com/bondedobrasil/videos/1291426154303553/>.
Acesso em: Maio de 2018.

A presença da prefeitura e seus interesses, o turismo em grande evolução por meio da propagação da própria prefeitura se fazem presentes, e as festas ou a festa do padroeiro São Pedro em Barra tem apresentado modificações visíveis, na estrutura de organização, na difusão do evento, nos crescentes meios de comunicação, assim, ao longo dos anos a festa sofreu com modificações e intervenções de partes interessadas, “*pois no seu novo cenário os elementos “tradicionalis” são misturados a novos*”, (SILVA, 2006, p. 118).

Essas mudanças de interesse político resultam em atrações vindas da cidade e consideradas como sendo da comunidade local, de acordo com as programações o tempo é pouco para as apresentações locais de Barra, seu cenário também modifica com o passar dos anos, a exemplo de 2017, os cenários da festa que acontecia em frente à sacristia da igreja e a estátua de São Pedro, neste com a intervenção da prefeitura aderiram a um novo local, colocando o palco para a festa mais distante da igreja cerca de uns 25 metros. De acordo com Silva (2006) as atrações de coco de roda é um exemplo de cultura popular local que não tem espaço em seu próprio lugar para se apresentar. Em virtude disso, o coco de roda não

apareceu nas apresentações “*locais*”, a saber, uso locais entre parêntese porque 2017 como primeiro ano da minha pesquisa nenhuma apresentação era da comunidade de Barra, as atrações de quadrilha, forró pé de serra e outras eram da cidade de Mataraca ou até mesmo de outros estados. Para receber maior público de turista a prefeitura se encarrega de divulgar a festa de São Pedro e suas atrações (fig. 6).



Figura 17 Cartaz da festa de São Pedro **Fonte:** Prefeitura Municipal de Mataraca, 2017.

Em meio às festas que ocorrem na comunidade, a festa do padroeiro e mesmo o carnaval, não são apenas realizadas para uma comunidade cujo público é totalmente católico, nas diversas religiões existentes atualmente espalhadas no estado, país e mundo, Barra integra uma pequena quantidade de evangélicos assembleianos e batistas “cristãos tradicionais”, certamente, por professarem outra doutrina suas ações são “*apartadas do mundo*”, pois suas participações nas festas não são consentidas por seus líderes (BIRMAN, 2006, p. 41).

Algumas pessoas (evangélicas ou não) preferem lugares mais calmos e afastados dessas movimentações. Quem possui um roçado afastado da comunidade prefere a total discrição de passar dois ou três dias nesses roçados. Este ato não é feito só nas festividades de São Pedro, mas carnaval e também natal, aos que não possuem roçados decidem ficar na lagoa da Pavuna²⁵ durante estes dias.

²⁵ Lagoa que pertence a Barra do Camaratuba distante 6 km sentido Rio Grande do Norte.

Nos dias de festas, evangélicos e até mesmo católicos se juntam na Pavuna para usufruir de um lugar de “descanso e paz”, esta lagoa possui uma barraca feita de palha para cobrir e em sua lateral para evitar os ventos e destinada aos pescadores locais, esta possui um quarto fechado de cadeado onde guardam materiais de pesca, comidas e utensílios de cozinha, cuja chave é dividida entre os pescadores de Barra e outros do RN. Durante o carnaval e em outros momentos, cada pessoa que vai para a barraca leva comida, água, rede de dormir e pertences pessoais. No lugar não possui energia elétrica, nem água encanada, é uma realidade bem diferente do moderno que estamos acostumados, apesar de ter algumas coisas modernas (fogão a gás), fogão de lenha e carvão, louça e roupa (se precisar) são lavadas dentro da lagoa, dormida de rede, banho de lagoa e etc. Para não se esquecer de citar, também tem um banheiro que é destinado para mulheres, isto porque os homens dizem que banheiro de homem é no mato.

Já na barraca do roçado, apenas uma família a usufrui, isto porque a matriarca dessa família é filha do homem que toma conta das terras onde fica a barraca, bem menos equipada comparada com a da Pavuna, é apenas coberta de palha e sem palha ao redor para fechar e não possui banheiro.

Para os dois casos, a intenção de sair da comunidade ou se afastar é para evitar a movimentação que Barra recebe de turistas nesse dia e também os barulhos causados por caixas de som montadas nos palcos da festa.

Portanto, nos dias de festa a comunidade evangélica resguarda os preceitos bíblicos adotados e desenvolvidos ao longo de sua jornada como protestante.

3.3 – “*PROCISSÃO DE SÃO PEDRO*”²⁶

A pesquisa de início, em 2017, sobre a festa, levou-me a ter conhecimento sobre seu Pedro José (Pedro de Fogo) e o quanto sua decisão de se responsabilizar pela procissão com o São Pedro foi importante. Recapitulando, seu Pedro foi apresentado a mim por Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) em uma entrevista, onde sua primeira aparição na história foi como referência em ser o responsável por receber a imagem do São Pedro em sua casa.

²⁶ Expressão usada por Josenilton (Nil) em entrevista concedida a mim em 19 de agosto de 2018, registrado em vídeo.

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): [...] foi depois da construção da igreja, que passou... que ia pra casa de seu Pedro de Fogo [...]

Na entrevista coletiva realizada este ano obtive mais informações sobre o início da procissão, intercalando entre Edvaldo e sua esposa Lourdes (Lurdes) e Josineide (Nova) e seu irmão Josenilton (Nil) eles contam:

Edvaldo: Isso foi sugestão de... de irmãozinho né, quando veio essa caminhada da imagem do São Pedro, caminhava pela estrada pra sair aqui passava a vargem, vinha...

Josineide (Nova): Vinha pela Santana né?

Lourdes (Lurdes): Vinha lá por seu João Florenço.

Edvaldo: Nesse tempo era tudo ariado, enxuto, aí tinha essa caminhada com a imagem do São Pedro pra vir praqui pra casa da falecida Antônia Bessa, era onde o santo ficava lá, de volta começava essa trilha aqui, da casa dela pra Barra, pra igreja da Barra.

Lourdes (Lurdes): Sempre começou por lá, a caminhada pela Santana o santo vinha por lá e voltava por lá mesmo, pela Santana.

Edvaldo: Não voltava por aqui não?

Lourdes (Lurdes): Não senhor!

Edvaldo: Então me desculpa!

Lourdes (Lurdes): Voltava por lá.

Edvaldo: Se você tá dizendo, é porque não fiz parte não.

Lourdes (Lurdes): Voltava por lá, que vinha com irmãozinho, viu.

[...]

Lourdes (Lurdes): Aí pronto aí desse tempo a gente começou trazer ele pela Santana e voltava pela Santana, que até próprio a irmã dele pra descer de bicicleta não sei de qual jeito foi lá botou no coisa da bicicleta.

[...]

Lourdes (Lurdes): Ai eu sei que passou um bocado de tempo a gente andando pela Santana, aí depois compadre Pedro de Fogo falou assim: dona Antonha não é mais melhor a gente vir pela boca da barra não que é mais fácil, que é mais perto? É vocês homens aí quem sabe, porque eu não posso carregar São Pedro! Quem carrega São Pedro não é os homens? Aí todo mundo assinou né, aí pronto aí fiquemos vindo, vinha pela Barra que nem tá vindo ainda, e voltava por aqui. (19/08/2018)



Figura 18 Percurso de Barra a Cumaru **Fonte:** Google Maps, 2018.

No início da entrevista quando pergunto a dona Lourdes (Lurdes) se ela lembrava o ano que começou a procissão, ela disse que não, e os demais interlocutores vão tentando explicar e relatam o seguinte:

Lourdes (Lurdes): Agora o ano eu não me lembro não viu, porque já...

Edivaldo: Se dona Lurdes não lembrar.

Lourdes (Lurdes): Se dona Lurdes a mãe de Nil aqui não se lembrar, eu não me lembro não.

Josenilton (Nil): É eu falei com mamãe por telefone e ela também não tem uma data precisa, ela não soube dizer eu, começou a partir de 60 e pouco, 70 e tanto né, mas é eu tenho 40 anos hoje e antes de mim antes deu lembrar, de me entender de gente já existia essa procissão. (19/08/2018)

Na fala de Josenilton (Nil) a travessia hoje estaria com mais de 40 anos que vem acontecendo, pois baseado em sua idade ele diz que esta procissão já acontecia antes que ele pode-se se lembrar. Com o passar da entrevista e com as várias recordações abordadas no momento, dona Lourdes (Lurdes) volta atrás de sua fala anterior onde diz não se lembrar do início da procissão, e agora explica aos detalhes usando momentos de sua vida ligando ao início da procissão, assim ela diz acompanhada dos demais interlocutores:

Lourdes (Lurdes): Pra começar, pra começar também acho que, eu não sei a data, mas agora eu vou dizer uma coisa, porque quando eu me casei com esse daqui eu tava com 14 anos.

Josenilton (Nil): (risada)

Lourdes (Lurdes): 13 anos, com 14 anos eu tive meu primeiro filho que é da idade desse daqui, 40 anos também viu, e quando eu me casei com Vado acho que num passou assim uma base de uns dois anos pra começar essa caminhada da gente com o São Pedro.

Josenilton (Nil): Então Rayssa década de 70, né.

Josineide (Nova): Foi nessa data aí.

Josenilton (Nil): Não, no finalzinho!

Lourdes (Lurdes): Eu tô com, agora eu tô com...

Josenilton (Nil): Finalzinho de 70 pra 80.

Lourdes (Lurdes): Tô com 56 anos vou fazer 57, essa idade dos 50 anos né que a gente caminha com o São Pedro, essa base aí. (19/08/2018)

A responsabilidade que envolve a imagem do padroeiro da Barra foi modificada ao longo dos anos, este fato me levou aos filhos de dona Lurdes que é citada por Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa). Josenilton conhecido por Nil e sua irmã Josineide conhecida por Nova são os filhos de dona Lurdes e foram meus interlocutores em dois momentos diferentes, um

primeiro Josenilton (Nil) e Josineide (Nova) foram entrevistados, e no segundo momento além deles teve a participação de Edvaldo e sua esposa Lourdes (Lurdes), para me ajudar a abranger a pesquisa e suas adversidades. Para isso Josenilton (Nil) relata essa trajetória de compromisso com a imagem e a procissão:

Josenilton (Nil): Eu... na realidade quem era realmente envolvida nessas festas era mamãe, dona Lurdes, o nome dela é Maria de Lurdes conhecida mais por Lurdes, era sempre ligada nesse movimento da procissão do São Pedro, eu criança acompanhava tanto a vinda, a recebida aqui quando deixa no São João dia 24 e acompanhava também as procissões dentro da aldeia. Ela era responsável pra organizar, pra chamar as pessoas e saía em procissão casa a casa, então a partir daí eu conheço, é... comecei fazer parte dessa procissão, mas não assim como responsável pela procissão, eu nunca fui responsável pela procissão de São Pedro dentro da aldeia, sempre acompanhava através de mamãe, mas ia sempre junto né? [...].

Com a ida de Lurdes para Santa Catarina foi necessário, por mais de uma vez, alguém se responsabilizar pela imagem de São Pedro em sua estadia na aldeia, era tão importante e Josenilton e Josineide optaram por naquele momento não tomar essa responsabilidade para si, ocasionando em um casal de católicos se encarregarem de continuar a tradição. O trecho de o depoimento a seguir é parte da primeira entrevista realizada Josenilton (Nil) e Josineide (Nova) realizada em maio de 2018.

Josenilton (Nil): [...] de uns dias desse pra cá quem ficou responsável também pra trazer imagem foi Edvaldo, não sei se você já ouviu falar nesse Edvaldo, Edvaldo de Lurdes um casal que também, hoje também é... é da igreja Assembléia, acho que é Assembléia uma dessas aí, [...] eles se converteram também, ou seja, esse casal foi um dos, quando mamãe saiu aqui do Cumarú ela foi pra Santa Catarina, aí eu disse eu não assumo o compromisso, Nova disse eu também não vou assumir.

Josineide (Nova): Foi verdade!

Josenilton (Nil): Aí o que foi que disseram, eles disseram esse casal, Edvaldo e Lurdes, não a gente trás ele sozinho nas costas mais trás pra aldeia.

Esses relatos são de extremo valor para a pesquisa, observo a partir disso o quanto o cenário religioso no Cumarú precisou se adaptar após algumas decisões, mas que mesmo na ausência de “uns” não deixaram a tradição acabar. Nas entrevistas realizadas são citados alguns casos de conversão, principalmente de pessoas que marcaram presença e foram importantes no papel de coordenar a “caminhada com o São Pedro”. As conversões

ocasionaram uma pausa nas procissões feitas dentro da aldeia com o São Pedro, sobre esse cenário Josenilton (Nil) apresenta sua definição em uma segunda entrevista:

Josenilton (Nil): Ah gente, na minha opinião própria, não tô culpando a influência de outra religião na aldeia, mas que tem ligação direto com essa diminuição de pessoas na procissão de São Pedro, isso aí afetou diretamente, porque se eu tô aqui engajado em um grupo a partir do próximo ano eu não faço parte mais, as pessoas pra começar fazer parte vai querer entender por que foi, por que foi que fulano era tão ativo e hoje não quer mais, algo aconteceu, aí gera aquela, por que num posso mais e faltou interesse, mas às vezes tem algo por trás que você não quer dizer, como essa aceitação mesmo de caminhar com a procissão com uma imagem pessoas da igreja que não são católica, não fazem, eles não aceita, é da própria estrutura e a gente não pode criticar, a gente tem direito de escolha, né.

Nesta fala de Josenilton (Nil) em uma entrevista realizada em agosto deste ano, ele enfatiza não culpar a influência de outra religião, mas que esta tem ligação direta com a diminuição de devotos na procissão. Com o declínio de pessoas na procissão observada e exposta por Nil, entendo que através das pessoas que eram lideranças da procissão e mais tarde se tornaram evangélicos alavancou um despreço em participar da procissão, exceto sob o julgamento de dona Lourdes (Lurdes), pois em oposição a Josenilton (Nil) ela destaca motivos diferentes para tal despreço:

Lourdes (Lurdes): Tem muita gente aqui que não é crente que podia caminhar, mas não caminha.

Josineide (Nova): É verdade!

Lourdes (Lurdes): Já vem, isso já vem enfraquecendo de muito tempo já, antes da gente ser crente, que eu nem sonhava de ser crente, isso já vem enfraquecendo e muito já esse negócio aí, a dos não queria mais acompanhar a gente subia praqui com o santo e uma danação de homem aí no campo jogando, mas nenhum queria acompanhar mais o santo pra pegar no andor, terminou uma vez pra sair na procissão.

Josenilton (Nil): Mulheres!

Lourdes (Lurdes): Quem saiu foi eu, Kiko, Guio e outra menina lá que nem lembro mais, viu.

Josenilton (Nil): Acho que Dida né?

Lourdes (Lurdes): Dida sim!

Josineide (Nova): Dida sempre participou da caminhada.

Lourdes (Lurdes): As mulheres já era quem tava carregando São Pedro, porque num tava havendo mais homens pra carregar, porque os homens não tava se importando. No começo era homem até demais e mulher, mas depois os homens enfraqueceram, ficou só as mulher, viu. Aí por isso de um tempo desse pra cá aí não teve mais gente pra carregar mais o santo, aí começou ficar na igreja, até que fim Deus abençoou que esse ano ele saiu em nome de Jesus e vai continuar sair se Deus quiser. É, a ajuda num é porque eu sou crente se vim pedir o oxilo a mim eu não dá, eu dou em nome de Jesus eu quero ter com os poderes de Deus, Deus me ajuda pra eu ajudar também a imagem quando vier na minha casa e eu dá, e esse ano eu dei em nome de Jesus e continuo a dá, porque eu sou crente mais eu não vou deixar de dá não.

Por meio dessas falas, outros motivos ou desestima é mostrado por pessoas da aldeia Cumaru, não se chegou ao motivo exato de tal frieza expressas por essas pessoas, e como apresenta dona Lourdes (Lurdes) sua maioria é homem, dando às mulheres a responsabilidade e iniciativa de sair em procissão com a imagem dentro da aldeia e a partir disso causou a suspensão das procissões, afinal sabemos que um andor é pesado para uma mulher transportar.

Consequentemente, o cenário das festividades não se alterou só em Cumaru, pois assim apresenta Josenilton (Nil) descrevendo:

Josenilton (Nil): Em relação a Barra deu uma, uma mudada porque se faz uma celebração hoje no dia da entrega no dia 24 se faz uma celebração na igreja, antes não se fazia, apenas rezava o pai nosso, a ave Maria a entrega do São Pedro pronto, cada um ia pros seus cantos hoje está tendo essa celebração é um novidade. Acho que o segundo não é?

Josineide (Nova): É o segundo ano.

Josenilton (Nil): Segundo ano que nesse dia...

Josineide (Nova): Eles mesmo né que trouxe essa iniciativa.

Josenilton (Nil): Eles mesmo da Barra!

Josineide (Nova): Eles fazem a celebração.

Josenilton (Nil): Seu Antônio com, com... eu esqueci o nome da mulher meu Deus.

Josineide (Nova): Esse ano foi Luana.

Josenilton (Nil): Luana?

Josineide (Nova): Ano passado foi Prudência!

Josenilton (Nil): Prudência, que fez a celebração!

Josineide (Nova): Ela veio os dois anos (aponta em minha direção) eu lembro dela.

Josenilton (Nil): Ela? (aponta em minha direção)

Josineide (Nova): É ela veio

Josenilton (Nil): Então, ano passado teve celebração, esse ano teve novamente... Agora a entrega, na volta que é a noite do Cumarú era no dia 28 celebrava junto na igreja eu não sei se ainda continua, não sei dizer, a noite do festejo da noite do dia 28 era noite da aldeia Cumarú que ficava na igreja.

Pra celebrar?

Josenilton (Nil): Pra celebrar.

Josenilton (Nil): Eu cheguei a celebrar, houve um tempo 97 até 2000, 2002 por aí eu fazia parte do movimento aqui da igreja eu que tava coordenando e me convidaram pra fazer a celebração, tu sabe que é um negócio ruim você enfrentar um povo, um povo diferente.

Josineide (Nova): Igreja cheia.

Josenilton (Nil): Mas, deu certo a igreja cheia, eu ali me tremendo mas segurei a onda aí deu certo.

Josineide (Nova): Foi, foi muito bom.

Josenilton (Nil): Inclusive até hoje eu sou lembrado dessa. Porque foi que tu não faz mais? Aí eu digo, eu não sei nem explicar.

(Risadas)

Josineide (Nova): Em Nil era, foi só a gente né, era tu, mamãe, Aline e eu.

Josenilton (Nil): É, é nós, aí no caso...

Josineide (Nova): Só nós na celebração!

Josenilton (Nil): Nova leu, Aline leu e eu preguei. Né? Eu preguei bonito lá.

Josineide (Nova): Aline cantou também.

Josenilton (Nil): Inclusive até perguntaram: Tem algum padre na igreja aí hoje? Não, não é o padre não, é o menino de Joca do Cumaru. Mas rapaz esse menino tá falando direito! Mas aí depois de uma coisa e outra não sou mais o coordenador da, da parte da igreja aqui né, e também não entrei nesse movimento de celebrar não, não entrei, aqui quem faz parte, quem celebra hoje na nossa aldeia é as pessoas que são ministro de eucaristia, tem essa organização, quem é ministro de eucaristia tem o direito de celebrar, quem não é, reza só o terço, mas celebração em si da palavra com pregação entendimento da bíblia só quem hoje é ministro de eucaristia, foi assim que a Baía se organizou, tem vários, eu não sou ainda posso um dia ser, mais não é esse ano ainda não também não.

Todos: (risadas)

Josenilton (Nil): Eu tive que abandonar um pouco também pra ir chegando umas pessoas que ficava tudo nas costas de um, mamãe saiu, Aline assumiu, Aline. Aí Aline disse que vou pra Santa Catarina tentar uma vida. E agora como é que vai ficar a igreja? Eu disse eu assumo a missa homi, no dia da missa eu leio, eu canto, eu bato o tambor, eu sei que eu faço, me comprometi com a missa, aí depois eu digo é, eu vou também dá um tempo pra ver se aparece gente. Apareceu! Agora não sou eu mais, mas o negócio tá andando, sabia? Ah, não pode parar.

Josineide (Nova): Tem que ter sempre alguém pra continuar.

Lourdes (Lurdes): Tem que continuar!

As mudanças dentro do próprio campo religioso de Barra e Cumaru são respectivos aos moradores, pois como apresenta Josenilton (Nil) e Lourdes (Lurdes) eles são quem modificam a forma de se organizar nos compromissos com a igreja. Estes compromissos também foram deixados por alguns quando tomaram a decisão de mudar de doutrina. Assim, relembro o depoimento de Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) quando abordou o fato de seu Pedro ter se convertido e que acarretou uma mudança do local onde a imagem ficava e também a pessoa que ficava responsável, assim ela faz suas afirmações:

Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa): [...] ele hoje é protestante, quem... como diz evangélico né? Ele não aceita mais (risos) São Pedro na casa dele né? Mas ele era uns dos da frente da procissão de São Pedro, mas agora ele não vai mais pra lá, a imagem (já) pra outro canto, pra outra, acho que deve ficar lá na igreja e já é outra pessoa que toma de conta lá, tinha dona Lurdes também, dona Lurdes foi pra Santa Catarina, que o marido dela até morreu outro dia.

Embora Pedro José (Pedro de fogo) tenha se convertido ao protestantismo, além dele vieram outros que tomaram a mesma decisão, e que partilhavam em comum a responsabilidade de cuidar e proteger a imagem do São Pedro. Josenilton (Nil) cita Edvaldo e Lurdes como mais um casal que deixa a igreja católica, porém o importante papel executado na tradição por Edvaldo e Lourdes (Lurdes) foi reconhecido por Josenilton (Nil).

Josenilton (Nil): [...] então eles se empenharam muito, a principio Edvaldo, Edvaldo e Lurdes também se empenharam bastante, depois se converteram e abandonaram [...].

Para melhor compreender esse processo de conversão e a motivação do mesmo, dona Lourdes (Lurdes) nos relata sua experiência para chegar a tomar essa decisão e sua atual experiência como evangélica.

Lourdes (Lurdes): Eu acho que eu foi assim, por causa que ele, ele foi primeiro né, ele foi primeiro aí só vivia, vivia reclamando que ele era crente e eu não era, eu digo olhe fique com a sua lei que eu fico na minha, eu tô muito bem, ia ter o culto aqui vinha o pastor fazer o culto aqui em casa, eu ajeitava tudo antes de sair, minha gente vocês me desculpe que eu vou sair eu vou pra missa (risada) aí toda vez dava desculpa, e ele ficava reclamando né, aí ficou aqui o meu cunhado ali aí depois ele chegava e dizia assim: irmã Lurdes! Ele chamava sempre eu de irmã, esse povo tão querendo que eu entre mesmo na igreja, sempre me chamando de irmã, dava a paz do Senhor e tudo. Vado só vive reclamando por que ele é crente e a senhora não é, aí digo eu disse a ele que não entrava nessa lei, eu tô na minha lei, eu não vou sair nunca, eu fiz o renascer, fiz tudo viu, aí digo eu não vou sair não, ele fique na crença dele que eu fico na minha lei, cada cá fique no seu canto aí sei que por muita reclamação dele né, pra não viver discutindo as vezes dentro de casa também que as vezes acontece né, discussão e tudo, aí quando foi uma vez o pastor veio dá um culto aqui acho que foi por isso mais que eu entrei, o pastor veio dá um culto aqui, na hora aí me deu uma dor, deu uma dor tão grande, tão forte de um jeito que quase que eu morria eu ia desmaiando ali, aí a turma vieram me seguraram e tudo aí começaram orar em mim, aí foi nesse dia que eu entrei, aí pronto meu Deus será impossível tinha de haver qualquer coisa pra eu entrar, entrei pela dor (risada)

Josineide (Nova): Entrou pela dor...

Lourdes (Lurdes): Entrei pela dor, aí eu digo assim essa semana eu vinha mais o irmão Ramo, irmão Ramo olhe eu entrei nessa lei de crente pela dor e pela dor ainda tô, se é pra viver pela dor eu vou viver na minha lei católica.

Todos: (risadas)

Lourdes (Lurdes): Aí ele falou assim, eu vou sair e vou viver na minha lei católica porque eu entrei pela dor, pela dor ainda tô porque era pra ter sido curada, fé em Deus desde que eu era católica que eu tenho muita fé em Jesus, primeiramente eu acho assim, se não fosse primeiramente Deus na minha vida eu acho que eu não existia, mas desna que eu sou católica, não foi porque eu entrei na crença, desna que eu sou católica porque se não fosse Deus na minha vida eu não existia mais, pelo que eu sinto tô viva porque Deus é quem tá levando a minha vida, por causa de mim mesmo eu acho que eu não tinha nem osso mais, é porque eu sou muito problemática, muito problemática mesmo, muito problema.

Edvaldo: Uma farmácia.

Lourdes (Lurdes): E agora pra completar aí vem o remédio de pressão, dois por dia, vem uma aas por causa da pressão eu sei que já tá quase em dez comprimido que eu tomo no correr do dia.

Josenilton (Nil): É uma farmácia danado aí dentro já, durante o ano...

Lourdes (Lurdes): É!

Edvaldo quando questionado sobre quanto fazia sua conversão ele diz que não lembra, mas nas afirmações entre eles vão chegando a um tempo aproximado.

Edvaldo: Agora eu vou saber mesmo!

Todos: (risadas)

Edvaldo: Sei não!

Lourdes (Lurdes): Mas acho que ele já tá com uns cinco anos já que ele é crente.

Edvaldo: Tu acha que é isso tudo?

Lourdes (Lurdes): Tá!

Josineide (Nova): Faz um tempinho Edvaldo.

Lourdes (Lurdes): Tá, faz tempo já, que você é.

Josineide (Nova): Faz um tempo que eu vim num culto aqui!

Josenilton (Nil): Foi?

Josineide (Nova): Foi aqui que ele chamou Marcelo não sei se foi aniversário dele, faz alguns anos.

Josineide (Nova): Tinha nem João!

Edvaldo: Lembro disso não!

Josineide (Nova): Eu nem tinha João.

A ausência ocorrida com pessoas tão importantes para o catolicismo e em meio a esses acontecimentos aonde dona Lurdes vai para Santa Catarina e Edvaldo e Lourdes (Lurdes) se convertem as indagações em torno da procissão é imensa e chega ao conhecimento do Padre Zezinho de Mataraca (hoje não é mais o padre de Mataraca), e se estava valendo a pena manter a procissão.

Josenilton (Nil): [...] o Padre Zezinho de Mataraca chegou aqui (...) e ele disse, ele é... perguntou se, se isso tava dando certo porque que tava fraco, se não deveria acabar aí nessa hora surgiu, realmente será que tá tendo interesse da comunidade, surgiu essa ideia, surgiu será que tem interesse da comunidade, tá vindo a imagem de São Pedro se não tá tendo mais essa aceitação por muitos e acompanhar a procissão, porque ficar a imagem na área da aldeia... da aldeia e não fazer a procissão tá perdendo a tradição isso aí foi entendimento logo que a gente teve, ok!

A festa é um ritual de partilha simbólica que em tempos passados era liderado por pessoas influentes na aldeia Cumaru, e hoje são coordenados pelos dois povoados, Barra do

Camaratuba e Aldeia Cumaru. Pedro José (Pedro de Fogo) era a figura indispensável a cerca de 10 anos atrás dessa partilha da imagem de São Pedro que proporciona um vínculo entre os dois povoados.

No entanto, nos dias que correm, a partilha de entrega e devolução é de responsabilidade das duas comunidades, para chegar a este momento de reestruturação as comunidades tiveram que se defrontar com predileções de outrem. Muitos hábitos foram alterados após essas escolhas, ao longo dos anos principalmente a aldeia Cumaru teve que reaver melhores modos para solucionar os problemas que motivaram essa mudança, onde a principal dela é a conversão de fiéis.

A comunidade da aldeia Cumaru percebeu o quanto a tradição estava passando por situações instáveis e que podia cedo ou tarde ter um fim, pessoas apresentadas como responsáveis agora estavam se convertendo ao protestantismo e abdicando dos hábitos anteriores, modificando não só a vida pessoal como também a coletiva, a religião, a tradição.

Partindo desse ponto de problematização o da conversão que dediquei minha pesquisa em compreender a história de vida de Pedro de Fogo como criador da procissão do São Pedro e também que outrora era o líder religioso da Aldeia Cumaru, como foi mencionado antes era sua a responsabilidade de receber e devolver a imagem. Porém, para seu Pedro esta responsabilidade mudou quando ele decidiu se converter e tornou-se “protestante” modificando suas práticas religiosas, levando por fim Barra do Camaratuba e Aldeia Cumaru a se reorganizarem como igreja, como também já posto anteriormente.

Através das informações compreende-se que além de seu Pedro, outros após ele vieram a se converter, dedicando-se a outras praticas religiosas e por isso deixando a igreja católica abalada concernente à tradição.

Para melhor descrever a tradição acompanhei o máximo de movimentação no cenário da festa, com os notários acontecendo outros episódios são realizados, 24 de junho é a data no qual a comunidade de Barra do Camaratuba se organiza por volta de 7:00 horas da manhã com queima de fogos de artifício anunciando o momento para levar a imagem até a aldeia Cumaru, este trajeto é realizado em procissão até a boca da Barra²⁷ realizando uma travessia do rio Camaratuba até as terras potiguaras com o auxílio de uma balsa (fig. 6) neste ano a balsa fez duas viagens para transportar as pessoas de um lado do rio ao outro, um barco

²⁷ Desembocadura do rio no mar.

movidos a motor também fez o mesmo percurso, este fez apenas uma viagem, após o desembarque dos fieis do lado sul do rio e com todos reunidos a procissão segue por um caminho de barro e areia até a igreja de São José na aldeia Cumarú (fig. 7). Importante ressaltar que no meio do caminho encontramos pessoas vindas do Cumarú que vinham encontrar com a procissão (falo “encontramos” por que estive presente na procissão junto com Maria Elita ²⁸ e os devotos do santo) totalizando um percurso entre a igreja da Barra e a igreja de São José no Cumarú um percurso de 4 km.



Figura 19 Ida para o Cumarú. **Fonte:** Rayssa, 2017



Figura 20 Igreja São José do Cumarú. **Fonte:** Rayssa, 2017.

Enquanto a imagem de São Pedro estava no Cumarú eu também ali me encontrava para uma segunda entrevista com Pedro José (Pedro de Fogo) no dia 25 de junho às 13:00 horas retomando pontos importantes da entrevista anterior, um período extremo de chuva e marcado por percas pessoais dificultou meu maior desenvolvimento no campo, assim regressei para casa após dois dias de estadia no Cumarú. Com esses imprevistos não pude acompanhar a programação ocorrida na igreja do Cumarú, mas isso não me impediu de entrevistar pessoas para descrever o que acontece na aldeia enquanto o São Pedro está lá, Josenilton segue descrevendo a estadia da imagem, e o que já se perdeu.

Josenilton (Nil): Aí Aline chegou até conversar com o padre daqui da Baía, ele disse não, mas tradição, igreja católica vive de tradição né? Não é só a bíblia, existe tradição também que a igreja também... encontra material pra seguir e por isso tradição não deve acabar. Só que andar na comunidade com quatro ou três pessoas pra levar o andor de São Pedro é até feio! [...] hoje a imagem chega, fica na igreja, reza-se na igreja, trás a contribuição as pessoas que são católicas e vem pra procissão, mas não é uma procissão na rua é dentro da igreja [...]
Josineide: Perdeu a tradição!

²⁸ Amiga da universidade e pessoal que participou da minha jornada de pesquisa e me ajudou com as observações durante os festejos.

Josenilton (Nil): [...] e daqui se leva pra Barra a procissão até a Barra vai, mas dentro da aldeia não tá tendo essa procissão, tá sendo rezado dentro da própria igreja aqui no Cumaru.

Enquanto a aldeia Cumaru fazia as rezas e as pessoas contribuía com “ofertas” Barra continuava com os notários até por fim no dia 28 de junho receber da aldeia Cumaru a imagem do santo, realizando o mesmo trajeto. Após o almoço saímos eu, Rafael (meu irmão mais novo), Maria Elita, Gilvania²⁹ e Roberto (namorado de Gilvania) em direção a boca da Barra para ir até o Cumaru e voltar acompanhando a procissão, no meio do caminho até a boca fomos impedidos pela chuva, quando cheguei a boca da Barra a balsa estava parada, não estava fazendo travessia por causa da forte chuva, nas próximas horas fiquei sentada na barraca dos salva-vidas esperando que a balsa realiza-se alguma viagem até a outra margem do rio, assim pedi que meu irmão fosse até a balsa para falar com o rapaz que trabalha nela para me avisar caso ele fizesse alguma travessia, com sucesso após alguns minutos por volta de 15:35 da tarde João Batista Alves Filho (Batistinha) o rapaz da balsa me chamou para atravessar, assim atravessei com Rafael (irmão), Gilvania e Roberto para esperar a procissão, quando percebi que a procissão estava demorando decidi ir ao seu encontro parando uns cinco minutos por conta da chuva e com receio pelo equipamento de filmagem que estava comigo, não cheguei até o Cumaru mais percorri metade do caminho até encontra-la com pessoas cantando, rezando e adorando alegremente.

A procissão de inicio vinha a passos lentos por conta das fortes chuvas e lama que dificultava a caminhada no período da tarde (fig. 20), por volta de 16:00 horas a chuva cessa. Assim que encontrei a procissão comecei fazer a filmagem de homens e mulheres concentrados na adoração ao São Pedro, já próximo a balsa uma mulher no meio da procissão gritou: “vai devagar para a menina filmar”, atenciosos os homens que carregavam o andor pararam e esperaram de mim a autorização para prosseguir. Ainda por causa da chuva as pessoas de Barra do Camaratuba não foram encontrar a procissão no caminho, esperando apenas do lado norte do rio.

²⁹ Amiga da universidade que estava me visitando durante a pesquisa e decidiu participar da procissão junto comigo, pois queria conhecer a tradição.



Figura 21 Procissão do Cumaru. **Fonte:** Rayssa, 2017.



Figura 22 Chegada da imagem na Barra. **Fonte:** Rayssa, 2017.

Após a chegada da imagem na igreja em Barra do Camaratuba (fig. 21) as duas comunidades celebraram um terço e concluíram com “a paz” este ato consiste em saudar o “irmão” com abraço ou aperto de mão. Assim o pessoal do Cumaru retornou para suas casas e não participaram da festa que estava marcada para iniciar as 22:00 horas.

Logo, por volta das 23:00 horas a primeira banda de forró estilizado se apresenta levando algumas poucas pessoas a dançarem na chuva, muitas outras estavam se abrigando embaixo das barracas de lanches e apoio, quando apenas caía uma neblina fui para o meio do povo debaixo de um guarda-chuva filmar aos amantes da dança.

É diante dessa descrição de festa e conversão que trago no capítulo a seguir a história de Pedro José, que dedicou parte de sua vida a tradição de se responsabilizar pela imagem nos dias que estavam na aldeia Cumaru, fazendo do momento os mais lembrados atualmente.

4 – “*AQUI EU ENCONTRO MINHA FELICIDADE*”: HISTÓRIA DE VIDA DE PEDRO DE FOGO

Em primeiro lugar, nesta seção descrevo a vida de Pedro José (Pedro de Fogo) por meio de seus relatos orais, farei isso com base nas três visitas feitas a ele. Trago prontamente as primeiras informações e o primeiro contato para assim discorrer sobre sua vida e devoção a São Pedro. No início da pesquisa procurei Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) para obter informações sobre as festividades do São Pedro e a procissão que o transportava para o outro lado do rio, especificamente para a aldeia Cumaru, foi quando ela citou Pedro de Fogo. Curiosamente me testifiquei sobre ele, e se ainda o podia encontrar e como faria isso. Por meio de conversa via internet conversei com uma amiga que mora no Cumaru e ela me passou algumas informações sobre seu Pedro, falando que o mesmo ainda era vivo e que o conhecia.

Depois dessas informações com Lidiane³⁰, no dia 30 de março de 2017 fui até o Cumaru para conhecer seu Pedro, como não sabia onde era sua casa fui até a casa de Lidiane para que ela me orientasse até a casa dele:

Lidiane: Você vai passar na primeira Assembleia de Deus e continue no caminho quando chegar à ladeira tem outra Assembleia de Deus e do lado é a casa dele.

Seguindo as orientações de Lidiane fui à procura da casa de seu Pedro que tinha como ponto de referência a segunda Assembleia de Deus (fig. 22). Com auxílio de Alberto (meu noivo) encontramos a casa dele, fui até o portão de sua casa e bati palma, sua esposa Dona Raimunda estava deitada na rede em um terraço protegido por grades e com cadeados no portão de entrada. Perguntei-lhe se ali era a casa de seu Pedro e se ele estava, recebi um sim e a mesma o chamou dizendo que tinha gente que queria falar com ele. Não demorou muito para que ele aparecesse com uma expressão facial de quem estava dormindo, enquanto isso dona Raimunda nos abriu a grade e pediu que entrássemos, entramos e sentamos frente a frente, eu e dona Raimunda e Alberto e seu Pedro, então a gente começou a conversar. Contei-lhe sobre a pesquisa que estava realizando para conclusão do curso de Antropologia da UFPB, e que ele poderia me ajudar através de uma entrevista semiestruturada. Depois de

³⁰ Amiga desde o período em que fazíamos o ensino médio, descendente de Potiguara e moradora da aldeia.

explicar porque eu estava ali, as conversas foram mais sobre as pessoas da Barra, e os questionamentos de seu Pedro era para saber se estavam vivas ou não. Para encerrar minha visita deixei certo que voltaria para entrevistá-lo e que mandaria o comunicado por Lidiane mais conhecida por Dalila filha de Salomé³¹.



Figura 23 Assembleia de Deus e casa de seu Pedro. **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.

Com nove dias após o primeiro contato retornei para a aldeia Cumaru para a primeira entrevista com Pedro José (Pedro de Fogo), ao chegar à sua casa ele e sua esposa estavam entusiasmados à minha espera para a entrevista. Então fui convidada pela segunda vez a entrar em sua casa e sentar um pouco para conversar antes de iniciar as filmagens, depois de uns minutos de conversa procurei um lugar favorável para as imagens e assim seu Pedro sugeriu seu quintal. Fomos até o quintal e esse se mostrou um cenário perfeito para realizarmos a entrevista.

Para compreender sua trajetória explico agora um pouco de sua vida. Pedro José popularmente conhecido como Pedro de Fogo é um homem de 84 anos, de família humilde de trabalhadores da roça, nascido na “Santana”, povoado localizado próximo a Barra do Camaratuba que também pertence à Mataraca. Sua data de nascimento é exatamente 28 de junho, véspera de São Pedro. Uma parte de sua infância foi experimentada no povoado onde nasceu, contudo aos cinco anos de idade mudou-se para a aldeia Cumaru com sua família,

³¹ Este nome dado a Lidiane é uma forma de apelido usado desde muito tempo, porém nem mesmo ela soube explicar o porquê desse nome, contudo, o nome de sua mãe é realmente Salomé.

onde reside até os dias atuais. Apesar de morar no Cumaru seu Pedro não é indígena, seus familiares são da cidade de Mataraca assim como ele.

Em sua experiência de jovem ele relata:

Pedro: Eu nasci em Santana,

Rayssa: Santana...

Pedro: Você conheceu João Florenço?

Rayssa: Não

Raimunda: Ali em cima, Santana do lado de lá

Pedro: Conheceu Zé de Vicente?

Rayssa: Também não

Pedro: Conheceu Uberaci?

Rayssa: Conheço

Pedro: Ele num morou ali na Santana, Uberaci?

Rayssa: Ahã, a Santana que o senhor fala é ali pertinho de campo verde?

Raimunda: É

Pedro: Justamente, muito bem, nasci ali, aonde aquele menino que eu falei.

Raimunda: Uberaci

Pedro: Uberaci, de João Florenço pra lá, ali nasci!

Raimunda: Terminou de se criar aqui

Pedro: Acabei de me criar aqui

Raimunda: Ele veio praqui, com quantos anos? Com cinco anos foi?

Pedro: Foi com cinco anos

Raimunda: Ele veio praqui pro Cumaru

Pedro: No Cumaru estou

Raimunda: Ele chegou rapai

Pedro: Cheguei rapai, e fui conhecendo os lugares todos, chegando no meu juízo como era de viver, se tratar, trabalhar isso tudo passou pra mim, e graças a Deus inté aqui eu encontro a minha felicidade. [...] Barra, onde eu me criei foi bem dizer na Barra, ali brincava lapinha, ali pastoril, ali o aniversário daquele grupo, era os Madeiro, seu Antônio Madeiro que é o pai das famílias dos Madeiro, ali era o maior conhecimento comigo, fazia de conta que eu era filho dele, ali naquela turma da Barra de Camaratuba, não tenho o que dizer.

Rayssa: Quando o senhor veio pra cá criança, veio junto com os pais?

Pedro: Junto com pais, morava ali, passou onde tem uma tapera, bem desse lado tem uma tapera aqui, [...] ali onde tem a bueira, num tem a bueira, viu uma tapera assim desse lado [...] e umas canas desse lado.

Raimunda: Ali era dele, do pai dele.

Pedro: Ali era meu, era não...

Raimunda: Ainda hoje é!

Pedro: Hoje é [...] dali saltei praqui, aqui eu comprei, estou aqui.



Figura 24 Pedro de fogo e sua esposa Raimunda **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.

Seu Pedro sente muita felicidade em morar na aldeia Cumaru, pois conforme seu relato acima, e como costuma estar no vocabulário das pessoas mais velhas: “*me entendi de gente*”! A partir desta fase de maturidade que ele começa a entender a vida natural humana, na sua fase de “*rapai*” é quando ele se desenvolve e toma consciência das responsabilidades e afazeres que vem junto com este momento de puberdade. Sua fala demonstra que sua ligação com a Barra ia além de um compromisso, mas estava anexo ao sentimento de filho do Antônio Madeiro, pai de Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa).

Nos relatos posteriores meu interlocutor descreve o local onde morou com seus pais até o momento do seu casamento, pai de vinte filhos tendo vivo quatorze deles. Inclusive, nas entrevistas realizadas Dona Raimunda (esposa de Pedro) esteve presente acrescentando pontos que seu Pedro não conseguia lembrar.

Rayssa: Aí quando o senhor comprou aqui aí foi assim que o senhor casou, ou não?

Pedro: Eu comprei aqui eu já era casado, eu já era casado.

Raimunda: Ele casou a gente morava aqui né, ele morava aqui e eu na Santana.

Rayssa: A senhora também é de lá?

Raimunda: É, eu sou de lá, sou filha natural de Mataraca.

[...]

Pedro: Ela é filha do finado João Bessa!

[...]

Raimunda: Aí a gente casou [...] aí a gente casou e ficamos morando lá, aí com dois anos de casada lá eu já tinha dois filhos aí nós veio praqui, aí nós viemos praqui e então aqui foi onde tive a família toda, 20 filhos.

Pedro desenvolveu um papel muito importante para a Igreja Católica do Cumaru, antes de sua conversão seu principal papel era de grande responsabilidade com a Igreja e com os devotos. A afirmação de Pedro e o consentimento da esposa dão conta que ele seria o responsável em tempo remoto pelo início da procissão de São Pedro de Barra para Cumaru e vice-versa. Os detalhes do início e final de sua devoção e responsabilidade com o São Pedro estão na transcrição a seguir:

Raimunda: [...] começou andar pra Barra, lá vai, lá vai, aí foi, foi no tempo que o menino falou pra ele trazer São Pedro praqui.

Pedro: São Pedro! Fui pedir a eles todos num sabe?

Raimunda: [...] é... aí o rapaz falou assim: Pedro você fica tomando as providências de São Pedro.

Pedro: De São Pedro

Raimunda: Eu vou mandar ele pra lá, ele vinha, traziam ele em procissão, aí ele passava aqui o dia de São João, vinha no dia de São João né?

Pedro: Dia de São João e na véspera de São Pedro levava.

[...]

Raimunda: Era na véspera de São Pedro.

Pedro: Pra mim era maior alegria.

Raimunda: Aí agora, agora de certos anos pra cá ele entrou em outra lei, né? [...] da Assembleia de Deus aí ele não, num foi mais, num tomou, mas entregou.

Pedro: Entreguei tudo direitinho.

Raimunda: À cumadre Maria de Joca.

Pedro: de Joca

Raimunda: de Joca dali de Sandro, acho que o menino aí (Alberto) sabe.

Mesmo relatando alguns acontecimentos em suas vidas, não era possível dona Raimunda e seu Pedro se lembrarem de todos os nomes de pessoas que falaram ou fizeram alguma ação durante os momentos em suas vidas, como pode perceber dona Raimunda fala “*menino e rapaz*” por não lembrar o nome da pessoa que sugeriu que seu Pedro ficasse responsável pela imagem de São Pedro.

Após essa fala de dona Raimunda seu Pedro interrompe perguntando sobre Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa), se eu a conhecia. Quando afirmo que a conheço e conto que ela que me falou a seu respeito, ele expressa o quanto ela é uma pessoa significativa e se refere a ela como uma irmã. Seguindo a entrevista, dona Raimunda menciona mais sobre o São Pedro.

Raimunda: Depois que a gente entremos na Assembleia de Deus, né? Que é de outra lei, que ele entregou à cumadre Maria e cumadre Maria ficou responsável ao santo. Agora foi pra Santa Catarina esse ano eu num sei quem foi que trouxe o São Pedro.

Raimunda: Quem trouxe São Pedro foi os meninos da Barra num foi?

Pedro: Os meninos da Barra!

Pedro: Por que alguns ficam do lado de cá, pouca gente.

Raimunda: Fizeram Procissão? (pergunta para suas filhas que estão sentadas do outro lado da rua)

Raimunda: Fizeram procissão meninas, esse ano fizeram procissão aqui não, não?

Raimunda: Só foi pra Barra!

Pedro: Só foi pra Barra.

Raimunda: Mas de primeiro andava aqui a rua.

Pedro: Aqui ia a procissão, até na casa de Larita ia a procissão, Larita morava lá em cima.

Pedro: Quando vem descendo essas casas, esse povo vinha todinho dos Madruga.

Raimunda: Aí o pessoal fazia todinho, aí ia com o São Pedro muitos que vinha ficava na festa ficava, e quem não ficava vinha, voltava de tarde mesmo.

Rayssa: Quando o São Pedro ele vinha pra cá na época que o senhor né, participava, ele vinha pra sua casa ou vinha pra igreja?

Pedro: Primeiro vinha pra minha casa!

Raimunda: Foi primeiro veio praqui, ficava aqui em casa.

Pedro: Primeiro ficava na minha casa!

Raimunda: Foi!

Pedro: Fiquei, fiquei a depoi...

Raimunda: A depois que butaram...

Pedro: Butei na igreja.

Raimunda: Na igreja, foi!

Pedro: Mas comadre Maria

Raimunda: Pediu pra deixar lá na igreja.

Pedro: Deixar na igreja, mas sendo o responsável.

Raimunda: Mas ele sendo o responsável!

Rayssa: Mesmo estando lá era o senhor o responsável?

Pedro: Justamente!

Raimunda: Era o responsável, aí agora depois que ele entrou na, na... Assembleia ai foi que ela ficou lá, mas não tá que nem era.

Pedro: Tá não, num tá não.

Raimunda: No tempo que ele andava aqui tirava, fazia procissão né, era todo dia fazia procissão com ele andava aqui o Cumaru todinho com o São Pedro e ele arranjava bastante dinheirinho.

Pedro: Arranjava!

Rayssa: Ah, fazia a procissão pra arrecadar dinheiro?

Raimunda: Era, pra arrecadar dinheiro.

Pedro: Levava o dinheiro que arrecadava!

Raimunda: E levava aí Pedro

Rayssa: Pra Barra?

Raimunda: É pra Barra!

[...]

Raimunda: Levava no samburazinho dele, era.

Pedro: No samburazinho dele, todo mundo que chegava aí rezava né, aí abria o samburazinho.

[...]

Pedro: E contava, benza Deus.

Raimunda: Chegava aqui nas casas né, é, o pessoal rezava nas casas né então essas casas ficava e ali o pessoal dava dinheiro, dava bastante dinheiro.

Pedro: Era grande felicidade.

Raimunda: O povo dizia que São Pedro pescou bem!

(risadas)

Seu Pedro e dona Raimunda recordam os momentos especiais e toda a trajetória que eles faziam quando estavam na Igreja Católica, também lembram como foi especial cada segundo vivido por eles e em companhia de outros, como lembra seu Pedro: “*Pra mim era maior alegria*”! A expressão dessa frase mostra que ele lembra com saudades desses eventos dos quais fez parte por muitos anos.

Dona Raimunda conta um pouco sobre como acontecia antigamente quando a imagem era levada para a aldeia Cumarú:

Raimunda: repara! Ele vinha no dia de São João, Santana ou São João e Santana, São João e voltava no dia do, na véspera dele, teve um tempo que ele só ia no dia [...] No dia a gente levava ele. Mas adepois que começou a fazer a festa que de primeiro só tinha a missa, só tinha a missa aí foi que começou a fazerem a festa. Começou a fazer a festa, mas só era a missa, no tempo da gente né. No tempo da gente tomava conta aqui dele aí era somente a missa, depois que começou a fazer a festa. Aí quem ia pra festa ia com ele e ficava e quem não ia voltava da beira dali, mas era tanta da gente mulher! Até próprio da Barra mesmo tinha muita gente que vinha receber São Pedro, hoje em dia não, é menos, é menos pessoas.

Pedro: Acabou-se a animação!

Como expresso nas frases acima, seu Pedro e dona Raimunda relembra quando apenas era realizada a missa em homenagem a São Pedro e depois se passou a fazer a festa em comemoração ao mesmo, a parte dita “profana”, muitos iam para a festa e outros retornavam para suas casas na aldeia. Na procissão de levar o santo para a Barra, Pedro relata que

comprava fogos para soltar durante a caminhada e que era um momento tão importante que na travessia ele chorava.



Figura 25 Seu Pedro emocionado ao falar do momento que pegava no andor. **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.

Suas falas expõem o quanto o São Pedro foi importante em sua vida e quanta alegria lhe proporcionou durante sua dedicação ao santo, e isto causou em mim uma extrema curiosidade em saber a motivação que o levou a se tornar evangélico, pois ele se sentia feliz em ter parte na tradição.

Rayssa: Agora o senhor deixou de participar da festa e foi pra Assembleia ou, assim o que foi mais ou menos que aconteceu que o senhor deixou de ir?

Raimunda: Não aconteceu nada!

Pedro: Não aconteceu nada não.

Raimunda: (risos)

Rayssa: Só decidiu ir?

Pedro: Somente, somente porque não tava o povo indo mais aí passou os tempos, aí passei.

Raimunda: Foi, ele decidiu, porque eu entrei no evangelho né, aí e nem... mas traziam, aí ele entrou na Assembleia da Deus, graças a Deus até hoje nós somos, né, evangélicos, e confio a Deus que não vou sair mais, mas somos, mas no tempo que eu era católica mais ele.

Pedro: Eu estava feliz, e estou, eu estava feliz e estou porque o meu coração e o meu pensar num só é eu é todos nós, é com aquele né (aponta em direção ao céu), mas a lembrança num me esqueço.

Mesmo como evangélico seu Pedro demonstra seu apreço com o São Pedro, sua opção religiosa não criou um obstáculo para apresentar um conflito entre evangélico e católico, pelo contrário, sua felicidade é encontrada nos dois momentos de cristão e mesmo depois de evangélico não menosprezou ao santo como forma de repúdio característico de alguns evangélicos. Sinal de que isso não aconteceu com seu Pedro é que as pessoas levavam o São Pedro em sua casa, mesmo depois de convertido. Como é descrito por ele e sua esposa:

Raimunda: A gente, o povo diz assim aí até mesmo quando ele passava aqui que o povo passava aqui eles ainda vieram uns dois anos, andava aí com ele andava...

Pedro: Seu Pedro! Seu Pedro!

Raimunda: Toda vez que ele vinha aqui eu sou evangélica e num tinha isso comigo não.

Pedro: Eu não, graças a Deus não.

Raimunda: Ele deixava o dinheirinho dele, pra dá a ele era assim!

Pedro: Era assim...

Raimunda: Ele era muito fã de São Pedro!

Rayssa: E hoje assim como é que o senhor lembra, sente saudade?

Pedro: Sinto falta, sinto, eu sinto, eu sinto...

A entrevista com seu Pedro continua e ele relata o momento exato de sua conversão, o momento em que ele decidiu seguir um caminho diferente. Este acontecimento teve chamado, incentivo, insistência para poder acontecer, assim ele relata como chegou a essa decisão:

Pedro: Esse que nós tava falando no nome dele, que tá nessa igreja ali.

Raimunda: Irmão Ramo!

Pedro: Irmão Ramo!

Raimunda: É, irmão Ramo.

Pedro: Ele junto com outros que tavam, da banda da Baia, da igreja da Baia aí chegaram aí, aí chamava: Pedro, irmão Pedro vamo entrar na igreja irmão Pedro que dá certo pro senhor!

Raimunda: Aceite Jesus!

Pedro: Aceite Jesus, destá que um dia Jesus vai chamar eu pra chegar aí, aí lá vai, lá vai, lá vai.

Raimunda: É na vontade de Deus né.

Pedro: Aí me assentei ali onde você entra, abre o portão e entra na porta, num é! Aí nesse recantinho assim, eu ficava sentado e tinha a mesa onde eles tava aqui. Aonde eu tava sentado ali, aí e lá passou uns tempos bons né. _Aí chegou a vez irmão Pedro lá vai, entre, entre... Aí o coração foi e disse assim: o dia é hoje. Aí, eu chego, falei pra ele e disse: _eu vou me entregar a Deus, o dia é hoje, a noite é hoje, aí... entrei.

Raimunda: Faz mais de dez anos!

Pedro: Aí tinha a mesa, eu aqui peguei, fiquei de joelhos e na sala pegado no berço da mesa assim, agora aquela mesa não queria que eu encostasse nela e eu me puxando ia caindo pra trás.

Raimunda: O inimigo!

Pedro: Me aguentando, me aguentando, o que aconteceu eu vendo a hora eu cair. Aí lá vai, lá vai, me aguentei, me aguentei, me aguentei, aí quando chegou a vez eu aqui fui me levantei, aí disse: _o senhor ficou ciente com a presença de Deus? Eu disse: Tô começando agora (risos). Graças a Deus na minha vida, graças a Deus estou, tô muito feliz com Deus, graças a Deus.



Figura 26 Momento que seu Pedro lembra sua conversão. **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.

Após narrar à conversão e o sentimento manifestado naquele momento, seu Pedro e principalmente dona Raimunda fizeram comparações entre o comportamento católico e o evangélico no âmbito espiritual, e destacaram o compromisso católico e também o evangélico:

Raimunda: você sai da Assembleia de Deus, você vai beber? Você vai farrar? Você não vai, né minha fia, num é!

Pedro: Tudo que você vai fazer é do lado de Deus!

Raimunda: E tem que respeitar.

Pedro: Deus

Raimunda: Deus, a palavra de Deus, num é não? E... a católica, né? Católica tu tá aqui quando sai daqui com uma parede e meia tá lá uma pancada, cheia de bebida, cheia de coisa, vamo dançar, vamo fazer o que não deve fazer, né não? Tá servindo a Deus tá? Num tá! Num tá! Mas, graças a Deus tô esses anos todinho, eu sou feliz na minha vida graças a Deus.

Pedro: Principalmente hoje em dia do jeito que tá o mundo!

Nem sempre os momentos foram de felicidade. Certa vez seu Pedro vivenciou um conflito com um companheiro de festa que, armado com um revólver, o ameaçou. Por um instante, pensou que poderia morrer pelas suas mãos. Esta situação lhe causou muita aflição.

Por outro lado, dona Raimunda demonstrou sua decepção com o que seu Pedro fazia quando ia levar o santo para a Barra. Não lhe agradava ficar em casa sozinha com os filhos enquanto ele se divertia na festa, e com o acontecimento com esse companheiro, ela ficou mais magoada ainda com relação às suas saídas para “farrar”.

Raimunda: Pedro não era tão fã de São Pedro, era, mas quando saía, né, ia levar ele e tudo, lá vai e pra lá ficava, pra lá bebia, pra lá farrava, pra lá tudo. Ele tava fazendo o quê? Ele tava fazendo boa coisa? Não.

Pedro: Eu chegava, em uma ocasião...

Raimunda: Né não minha fia? A gente tira a realidade assim né?

Pedro: Tinha ocasião que eu chegava muito tarde...

Raimunda: Muitas vezes

Pedro: De onze horas do dia!

Raimunda: O povo diz assim é, num sei o quê, não minha gente, fulano hoje em dia é santo, samo, samo santos.

Pedro: Todo mundo olha assim...

Raimunda: Né não minha fia?

Pedro: Mudei, mudei e tô novo.

Raimunda: Porque ele naquela época saía de casa ia pra Barra, levava o santo pra lá ficava, eu m'imbora da beira do mar, dali da maré.

Pedro: Maré!

Raimunda: Eu vinha m'imbora, junto com meus filhos, ele ficava pra lá, passava a noite farrando e tudo, quando chegava em casa tarde do dia. Heim?

Raimunda: No outro dia, passava a noite pra lá.

Pedro: Agora tinha noite que eu chegava, rapai, num era todas vezes, e esse que eu cheguei às onze horas...

Raimunda: Eu não!

Pedro: Devido o companheiro.

Raimunda: É esses companheiros quem bota pra trás.

Pedro: Eu num esperançava quem era ele!

Raimunda: O amigo da terra é o que bota pra trás.

Pedro: Apoi, ele queria criar caso com um cara lá na Barra, aí eu já tava lá em seu Tota, em Zé Madeiro, Zé Madeiro já tava com a venda, aí ele chegou perai seu Pedro que eu vou lá onde tá fulano, chegou lá quis brigar com o homem.

Raimunda: Do Sagi? Nera do Sagi?

Pedro: Era aquele Luis Preto menina, que...

Raimunda: Era mesmo!

Pedro: Era da família do finado Zé Preto, quis brigar, aí eu cheguei home não faça, já tava com o revólver na mão pra atirar no homem.

Raimunda: Aí tá vendo?

Pedro: Aí eu cheguei fui disse: home não faça isso não. O que é que? Você não veio mais eu? Num já tava ali em Zé Madeiro? Nós num tomemo uma bebida e ele foi-se. E os pecados, Deus me perdoe em falar nesse nome: nós num vinha praqui você voltou rapai, pra querer fazer uma derrota dessa, faça que nem eu que só tenho rastro!

Minha fia quando cheguei no Zé Madeiro ele começou beber de novo, aí eu disse: vão bora rapai, bora! A minha família tá lá com cuidado, pensa que tô aqui em outra vida, mas vamo s'imbora, vamo! Aí ele disse: _então vamo bora. Zé Madeiro pelejando pra ele vir comigo, eu tava chamando ele, aí viemo. Quando chegemo, minha fia aqui na subida, daqui atravessa aquele riacho ali que vem da Barra né, cá em cima. Num tem aquela mangueira? Num tem os coqueiros? Ele foi e disse assim: eu vou aqui no mato, eu vou experimentar, puxou o revólver, vou experimentar se minha mão tá certa o ponteiro.

Raimunda: Capaz inté de atirar nele né?

Pedro: Lá naquele esquisito, que a gente vai assubindo aqui né, que tem esse caminho, caminho aqui que vai pra Lagoa do Mato e esse caminho que vai pra Cumaru né, aí faltava aquele pedaço ali, aí eu disse: eu tenho fé em Deus, meu Deus que não faço viaje pra nenhum canto com esse home! Aí quando eu cheguei aqui já no Sarrambí sentei, vinha um tempão de chuva, chovendo me assentei aonde é aqui esse grupo que tem aqui no Sarrambí, desse lado mais pra cá uma casinha. Aí passei a chuva ali né, inté falei pro dono da casa, olha seu João se eu pegar no sono aqui passando esse tempo tu me chama, aí ele disse: _tá certo Pedro. Aí eu só sei que eu agarrei no sono, aí ele disse: _olha Pedinho, estiou. Quando eu cheguei em casa, primeiro eu fui na casa de pai, e o nome de meu pai chamava Zé de Fogo, aí eu dei a benção a pai e a mãe, aí contei as coisas como era. E ele num queria matar eu e meu pai? Foi, foi, foi, a felicidade que tava eu e pai dentro: _seu Zé, seu Zé! Aquela mulher saiu, que era mãe, saiu, que nós já tava sabendo o que ele queria fazer com a gente, aí falou: _ele não está não, ele saiu, num sei se ele foi tomar banho eu não sei! E nós escondido lá dentro do quarto. Aí quando dei fé ele saiu pra essa casa aqui de baixo, ele saiu, aí adepoi subiu mais o irmão dele que morava no Catú, o irmão dele morava, esse outro morava com aquela Dorinha.

Raimunda: Ela não sabe não Pedro!

Pedro: Sabe não né? Tu não sabe quem é Dorinha não?

Raimunda: Sabe nada.

Pedro: Que tem uma casa de farinha lá...

Raimunda: Ela não sabe.

Pedro: Eu tô dizendo assim! Aí esse home mataram ele, atiraram nele, saiu baleado.

Conforme descrito acima, em suas falas pode-se ver o quanto este episódio marcou a vida de seu Pedro, um companheiro que por amizade decide ir à festa em sua companhia, sem ao menos esperar este conflito sem motivação aparente. Ao final dessas falas dona Raimunda compara o que se faz hoje e o que seu Pedro fazia antes, pois ela diz:

Raimunda: Hoje a gente sai e vamos pra onde? Pra casa do Senhor!

E ainda diz assim:

Raimunda: Tem brincadeira? Tem. Tem festa e festa boa.

Com este trecho da entrevista fica claro o quanto ela está feliz por que seu Pedro não sai mais para as festas e chega no outro dia.

Como parte do processo de conversão seu Pedro falou de um sonho que teve e que, mesmo sendo um sonho, sentiu como se estivesse acordado vendo tudo. Este sonho foi um momento onde ele diz chegar a Barra do Camaratuba, mas que para isso ouviu vozes e assim ele narra:

Pedro: Foi no sonho eu sonhando que descia aquela água do mar embaixo, quando eu chegava embaixo no fundo do mar dentro aquela areia passava a mão assim, aquela areia vermelha embaixo ali mais pra frente eu segui anadando quando deu fé apareceu na frente aquela pessoa. Na frente a pessoa num anada? Num anada assim? Mesmo assim na frente ia anadando, anadando aí aquela voze vai e diz assim: _eu vou deixar você num canto se você conhece, agora ali se eu sabia aonde era que eu ia.

Raimunda: Sair né?

Pedro: É justamente, aí quando dei fé ali eu, no sonho eu me acordei no sonho, mas pra ficar acordado assim não no sonho, quando da fé, eu já estoro aonde sai a canoa lá, aí olhava assim os coqueiro tudinho e as casas tudinha ali o povo do lado de lá.

Raimunda: Aí tu dissesse como foi que tu falou? Aí perguntou é aonde que você tá aí você disse foi, aí você disse Barra de Camaratuba num foi?

Pedro: Aí eu fui naquela hora que eu avistei via a coisa assim, aí eu dizia assim Barra de Camaratuba aí fui acordando.

O relato deste sonho, para seu Pedro é como um aviso do que ele viveu quando era católico, e que esta suposta “pessoa” que ele diz ouvir o guiou até chegar ao rio Camaratuba onde ele pôde ver as casas das pessoas da Barra que ele se refere “o povo do lado de lá”, este

evento para ele e pela sua fala é uma espécie de visão que o fez ver novamente a Barra e ser posto a prova para ver se ele ainda lembrava-se do lugar.

Então, Pedro se emociona ao falar em ser crente e aconselha que eu permaneça com Deus para conseguir ouvir a sua voz como ele ouviu, ou seja, segundo seu Pedro é sua própria experiência com Deus. Onde mesmo não sabendo ler ele diz ser avisado dos acontecimentos em forma de sonho, pensando ser um sonho, mas que na verdade é uma advertência do que está para acontecer, diríamos no popular ser um *déjà vu*, porém ocorre de maneira diferente, pois o *déjà vu* é uma sensação de já ter passado por aquele momento, e o que seu Pedro sente e ver durante o sonho é o que está para acontecer, relacionado ao futuro.

Pedro: Não saio nunca de Deus não, saio não por Deus que não saio não. Chega eu fico assim trancado pelas palavras de tanto boa sendo de Deus! Eu pra mim naqueles tempos eu vivia destruído, é como qualquer uma pessoa que não tá com Deus, pode ficar com Deus é santo, é santo, estando com ele acompanhado, é santo, que um dia ele vai levar a gente e botar num canto que a gente merece, eu falo pra você, puxe ele vai chegar a mais, a mais, você escutar a fala dele.

Raimunda: Tá com Deus tá com tudo menino!

Pedro: Chegar escutar a fala dele, como eu escutei, graças a Deus, não me esqueço nunca.

Rayssa: Essa sensação boa assim o senhor tinha quando era católico ou não?

Pedro: Tinha não, nada, tinha não, tinha não, nunquinha tinha, adepois, na hora que, na hora que eu me assentei na mesa, me ajoelhei...

Raimunda: Ele não sabe ler!

Pedro: Que me ajoelhei na mesa que aquela coisa queria tirar, era o demônio que não queria que eu ficasse com Deus.

[...]

Pedro: Chega pra mim qualquer coisa eu tenho aviso eu já, eu já tô me lembrando, eu já tenho aviso, ele fala pra mim assim, pensa que é um sonho.



Figura 27 Seu Pedro emocionado ao falar da palavra de Deus **Fonte:** Rayssa Morais, 2017.

Por fim, e a partir dos relatos de seu Pedro e da colaboração com memórias de dona Raimunda, em primeiro ponto Pedro esclareceu não ter ocorrido um motivo para sua conversão, mas como complementação ele fala que com o passar do tempo às pessoas deixaram de caminhar para as procissões e missas e ele ficou muito tempo em casa, o que na grande insistência (objetivo natural de ganhar “almas”) do pastor resultou na sua conversão. Já dona Raimunda diz ter se convertido bem antes de seu Pedro, talvez isso possa ter sido um motivo da conversão de seu Pedro no qual eles não falaram.

Quanto à bebida e festa profana, são eventos que estavam ligados no contexto de tradição das comemorações do São Pedro, pois como fala dona Raimunda após sair da igreja (missa) seu Pedro ia se divertir com os amigos mesmo ele sendo devoto do São Pedro. Esta fala expressa o quanto para dona Raimunda este ato era “errado”, e que depois da conversão de seu Pedro as atitudes são mudadas para melhores comportamentos aos olhos de dona Raimunda.

5 – FILME ETNOGRÁFICO

Nesta seção apresento o conceito de cinema etnográfico definido por Jorge Prelorán: *“a documentação fílmica dos comportamentos humanos, de modo que as atitudes das pessoas e a natureza de suas culturas ali estejam representados e interpretados”*. Prelorán enfatiza a ação do cineasta e a permanência quase impossível do cinema puro *“a intervenção do cineasta implica sempre em seleção e exclusão, também exercidas na montagem do filme”*. (PRELORÁN, 1987, p. 8).

A pesquisa antropológica resulta em um filme etnográfico que retrata as festividades em homenagem ao São Pedro, antes cultuado por Pedro de Fogo, no entanto, para melhor compreensão desse fato, conto com a narrativa etnobiográfica contada pelo próprio protagonista.

Nessa perspectiva, o filme é desenvolvido a partir da narrativa da história de vida de Pedro e seu envolvimento e afastamento dos festejos do São Pedro realizado na comunidade vizinha. As questões respondidas se destacam em como Pedro teve a iniciativa de levar o São Pedro até o Cumaru movimentando as duas comunidades para este fim, como ocorreu sua conversão, sua atual posição diante da data comemorativa de São Pedro, não só relatos de Pedro, mas também de outros personagens sobre esses eventos.

Minha postura de antropóloga e cineasta se limitava à observação, pois não tinha participação nos eventos do São Pedro, embora com as entrevistas se construísse uma relação de amizade e afeto com as pessoas filmadas. Isso pode ser observado principalmente nas entrevistas. Seu Pedro, dona Raimunda, Nil e Nova dialogam comigo, se dirigem a mim.

A comunicação do pesquisador-cineasta com seus interlocutores acredito ser o gatilho que faz mostrar a sensibilidade da expressão por meio das pessoas filmadas. Similarmente, isso entra em acordo com o que afirma a Claudine de France:

Tendo permanentemente em vista o caso de que as pessoas filmadas têm consciência da presença explícita do observador-cineasta, nós admitimos de imediato a hipótese segundo a qual a observação do etnólogo-cineasta se distingue radicalmente daquela da naturalista, preocupado em se dissimular. Pelo simples fato de que aceitam ser filmadas, as pessoas observadas se colocam em cena e são testemunhas da intervenção do cineasta. (FRANCE, 1998, p. 21)

5.1 - ROTEIRO

Segundo Guzmán (2018), um documentário precisa essencialmente de um roteiro escrito como um requisito para acessar a realidade, mesmo que este esteja aberto para mudanças. O autor ainda apresenta duas opções para uma escrita de roteiro, fechado ou aberto. As filmagens foram feitas em um equilíbrio entre os dois, pois antes de começar as filmagens eu já conhecia partes dos cenários, porém apenas de um personagem conhecia sua personalidade. O roteiro foi construído e modificado ao longo do processo de pesquisa e filmagem. O roteiro esteve aberto durante as filmagens para assim poder ser alterado quando fosse necessário, para uma melhor apresentação ao público que iria usufruir do produto final. Logo após as filmagens senti para assistir o que estava gravado e assim percebi como poderia ser montado o roteiro de edição e enfim o filme.

Desta forma, trago o roteiro de edição e o comparo a um trabalho de artesão, que precisa principalmente confeccionar, detalhar e dar acabamento gradual às suas peças, pensando sempre no público que irá absorver a produção final.

Cena 1: Em um plano aberto a câmera enquadra a procissão que se encontra chegando na boca da Barra e que leva a imagem do São Pedro até a balsa para assim fazer a travessia para a aldeia Cumarú, esta imagem destaca a rampa da balsa sendo organizada para as pessoas subirem a bordo.

Cena 2: Esta segunda imagem mostra a aldeia Cumarú e a igreja de São José, a câmera esta em movimento mostrando desde a igreja até o caminho dentro da aldeia, acompanhada pela fala de seu Pedro José (Pedro de Fogo) que diz:

Pedro: No Cumarú estou

Raimunda: Ele chegou rapai

Pedro: Cheguei rapai, e fui conhecendo os lugares todos, chegando no meu juízo como era de viver, se tratar, trabalhar isso tudo passou pra mim, e graças a Deus inté aqui eu encontro a minha felicidade.

Ainda nesta cena, aparece o título do filme *“Até aqui eu encontro minha felicidade”*, uma imagem que aparece sobre a paisagem da igreja de São José que termina a primeira fala e causa mistério por não mostrar seu rosto.

Cena 3: em um plano aberto apresenta a entrevista com Maria de Fátima Madeiro (Mãe Santa) falando a respeito de Pedro José (Pedro de Fogo) quando acompanhava a procissão de São Pedro e sua real responsabilidade, apresentado por ela como um “*dos cabeças*” que esteve a frente da caminhada com a imagem. Entre essa fala de Mãe Santa e outra que ela conta sobre os dias que a imagem sai de Barra e vai para o Cumaru e depois o retorno da imagem onde aparecem as pessoas saindo da balsa e caminhando rumo a igreja da Barra.

Cena 4: entrevista coletiva falando coletiva com Edvaldo, dona Lurdes, Nova e Nil. Os quatro estão sentados na mesma posição formando um paredão na varanda da casa do casal Edvaldo e Lurdes. Os relatos intercalados entre eles competem assuntos como: o dia que o santo chega à aldeia e que se rezava apenas no outro dia, sobre o padroeiro da aldeia ser São José, o início da procissão com São Pedro, o fato de ter sido iniciado pela Santana e somente depois pela Boca da Barra, neste momento aparece uma imagem de um barco de passeio que está levando as pessoas na travessia pelo rio Camaratuba isso enquanto dona Lourdes (Lurdes) vai falando a imagem vai sendo reproduzida mostrando as pessoas no barco conversando e alguns pingos de chuva vão caindo nesse momento.

Cena 5: Nesta cena aparece Dona Raimunda e seu Pedro sentados lado a lado, e dona Raimunda vai contando que um rapaz pediu para que seu Pedro tomasse conta da imagem enquanto estivesse na aldeia, assim essa imagem por não ter ainda igreja construída ficava na casa de seu Pedro. Depois seu Pedro também fala quando participava da caminhada e de sua caminhada, neste momento ele conta quando terminava a travessia e que chegava do outro do rio e pegava no andar a alegria era imensa que lhe causava lágrimas de emoção.

Cena 6: Após seu Pedro e dona Raimunda falarem, aparece em seguida Mãe Santa falando novamente de seu Pedro, mas agora dizendo que ele é protestante e não gosta mais de São Pedro, e continua dizendo que o pessoal da aldeia Cumaru acolhe São Pedro e faz as novenas durante os dias que a imagem está na igreja.

Cena 7: Dona Lourdes (Lurdes) aparece falando da alegria que expressava quando caminhava junto a imagem do santo, ela conta que pedia para as pessoas se alegrarem durante a caminhada quando estavam calados e frios, assim entra Josineide (Nova) e Josenilton (Nil)

complementando as falas de dona Lurdes, dizendo que Lurdes foi grande incentivadora dos fieis na procissão e qualquer outro momento e evento da igreja católica. Josenilton (Nil) complementa falando da diminuição de pessoas na procissão que ele diz não culpar a influência de outra religião, mas que está ligação direta com a diminuição de pessoas. Edvaldo acrescenta com sua fala que não por motivo de ser evangélico, mas ele apresenta mudanças, inclusive nas participações da festa do São Pedro em Barra, pois não perdia uma sequer.

Cena 8: dona Raimunda fala do compromisso de um católico e de um evangélico, ela compara suas ações depois de assistir a um culto ou missa dependendo da religião, e quando sai da igreja exercem atitudes diferentes. Segundo ela, as pessoas católicas quando saem da igreja vão beber, dançar e praticar o que não se deve. Ainda acrescenta que essas pessoas não estão servindo a Deus. Assim ela destaca que os evangélicos quando saem da igreja não vão para uma festa e nem beber. Para melhor explicar isto, ela fala do tempo que Pedro era católico e admirador de São Pedro, com um ar de decepção por seu Pedro muitas vezes a deixar em casa com os filhos e ir curtir a festa, farreando e bebendo, ela diz que ele não estava fazendo boa coisa. Uma imagem aparece em meio a sua fala da festa na Barra do Camaratuba de pessoas dançando, se divertindo e curtindo a banda que esta no palco tocando, mesmo em meio a lama e chuva.

Cena 9: Pedro nesta cena relata uma situação chata que aconteceu em um dia quando ele foi para a festa e estava acompanhado, ele conta que nesse dia chegou em sua casa às 11:00 horas do dia, coisa que não tinha acontecido nos outros anos, este evento ele diz que a sua companhia quis procurar briga na Barra e até puxou o revólver em forma de ameaça contra outro homem. Dona Raimunda retruca indignada a fala de seu Pedro, dizendo que essas companhias são quem coloca a pessoa pra trás. Seu Pedro diz não esperar tal atitude de seu companheiro. Mesmo tendo o homem o revólver nas mãos seu Pedro lhe pede para ir embora, mas um pior momento Pedro assim descreve quando já estava no caminho de casa e o homem novamente pega o revolve e diz que vai testar a mira. Ele o caminho e assim aparece a imagem; do caminho e do riacho que ele fala voltando depois para a fala de dona Raimunda dizendo que o homem até podia atirar em seu Pedro já que os dois estavam sozinhos na estrada pouco movimentada. Após chegar à casa de seu pai, Pedro conta tudo o que aconteceu

para seus pais e de repente o tormento volta a acontecer, pois o homem bate na porta de seu pai a procura de Pedro e seu pai para matá-los conforme diz Pedro. Sua mãe já sabendo de toda história diz que eles saíram e não sabia pra onde, o que na verdade estavam escondidos dentro de casa.

Cena 10: Seu Pedro então fala como ocorreu sua conversão e detalha que um homem da igreja por nome de Ramos ele ficava convidando seu Pedro todo instante para aceitar Jesus e ser evangélico, alguns detalhes são contando por seu Pedro de onde estava sentada na varanda de sua casa e então aparece uma imagem da igreja Assembleia de Deus e do lado sua casa. Pedro fala de sua conversão causando-lhe emoção por lembrar-se deste evento, sua voz se perde por alguns segundos entre a cabeça baixa e os movimentos dos dedos, mas logo retoma sua fala e conta o acontecido com mais detalhes que ele diz ter saído de seu lugar para aceitar a Jesus onde estava o pastor realizando o culto no terraço de sua casa, então ele diz que levanta e vai até o pastor, ajoelha-se próximo a uma mesa e segura nela, porém sente uma força o puxando para longe dessa mesa, sua esposa associa este empecilho como sendo o inimigo, o diabo.

Cena 11: Pedro também fala de um sonho. Ele parecia estar acordado pela realidade que lhe era transmitido. Encenando com as mãos ele conta de estava nadando embaixo da água e no fundo do mar ele podia pegar em uma areia vermelha, seguiu nadando até que em sua frente aparece uma pessoa que lhe diz: *“eu vou deixar você num canto se você conhece”*, então ele acaba chegando a um lugar onde ver os coqueiros, as barracas e as casas *“ali o povo do lado de lá”*. Dona Raimunda acrescenta a este trecho do sonho a parte que a voz pergunta onde ele está e ele responde: Barra de Camaratuba! Quando ele fala Barra de Camaratuba, a imagem que aparece sobre sua voz é a da boca da Barra mostrando os barcos e barracas e então a imagem volta pra ele e ele complementa dizendo que foi acordando do sonho.

Cena 12: seu Pedro fala que não sai de Deus, ou seja, não deixa Deus. Sua voz *“trava”* e depois ele fala que as palavras de Deus são tão boas e por isso acontece essa *“tranca”* na fala. Ele também diz que *“naqueles”* tempos passados sua vida era diferente do que é hoje, vivia destruído por não estar na presença de Deus. Quando ele termina essa fala, se dirige a mim e diz: *“pode ficar com Deus, é santo”*, uma forma de conselho para que eu não saia da igreja e nem deixe Deus. Também apresenta esperança em dizer que Deus um dia vai levar a gente

para um lugar que merecemos. Esta cena é a última da história de seu Pedro, e que também apresenta o final do filme etnográfico.

Cena 13: A imagem que segue é a de São Pedro sendo carregado nos ombros desembarcando do lado das terras Potiguaras, um corte acontece já mostrando quando a procissão está chegando à igreja São José na aldeia Cumaru.

Cena 14: Nesta cena a imagem do São Pedro está sendo novamente carregada para entrar na balsa e seguir para a outra do rio que é Barra do Camaratuba, os fieis cantam durante a procissão.

Cena 15: Outro recorte acontece para mostrar então a imagem já em frente à igreja de São Pedro na Barra, enquanto estou na rua filmando a entrada da imagem do lado de fora Maria Elita está dentro da igreja filmando a imagem entrando e as pessoas se acomodando nos bancos dentro da igreja.

Cena 16: Por fim, enquanto Prudência canta recebendo a imagem uma descrição do filme aparece para apresentar ao público para que a produção do filme e para qual curso e instituição, seguido da ficha técnica, agradecimentos, local, dia, mês e ano da edição.

6 – CONCLUSÃO

No curso de bacharelado em Antropologia com habilitação em Visual obtive a imensa chance de trabalhar com o campo debatido no presente trabalho, o que considerando minhas limitações como evangélica posso então afirmar que superei meus medos e preconceitos, ou mesmo, partes deles.

O trabalho tratou de abordar os contextos sociais em torno das festividades do São Pedro destacando a sociabilidade entre as duas comunidades debatidas durante todo o trabalho, Barra do Camaratuba e aldeia Cumaru são comunidades que compartilham de pontos em comum, desde a festa de São Pedro até o parentesco, o que entre uma entrevista e outra também era apresentadas as conversões que ocorreram ao longo dos anos, também o trabalho foi orientado a entender a motivação dessas conversões destacando seu Pedro José (Pedro de Fogo) como o pioneiro dessa decisão e a partir dele outros os seguiram, mas também o mesmo interlocutor como exemplo de devoção católica.

O interesse em trazer a história de vida de Pedro José (Pedro de Fogo) nasceu no momento que tive a informação de que ele foi parte importante na tradição e atualmente evangélico, isto causou grande curiosidade em compreender sua trajetória até a conversão e a motivação desta. O que me proporcionou uma história muito forte e ao mesmo tempo causou emoção ao ser lembrada. Assim pude entender seu fervor quanto católico e agora como evangélico. Pedro se tornou evangélico quando por muitas vezes foi convidado a aceitar Jesus, e isto ele relata bem em sua história quando houve alguns acontecimentos e o momento foi decidido sem questionamento pelo coração como ele mesmo descreve.

As entrevistas foram trabalhadas de maneira cuidadosa para assim compreender os dois momentos de fé cristã entre os entrevistados com o total de sete entrevistados meu acesso foi a dois casais de evangélicos e três pessoas católicas, a maior participação é da aldeia Cumaru onde seis moradores foram os entrevistados. Apesar dos discursos de seu Pedro e dona Raimunda de demonização da festa, minha intenção não foi de induzi-los a levar a festa para um lado mau como expressam em suas falas, tais falas e expressões foram declaradas por eles sem que fossem guiados para tal. Mesmo nas falas que alegam uma falha e interrupção na festa e tradição de traslado de São Pedro, observei que estes continuam até os dias de hoje buscando caminhos alternativos de ter alguém responsável pela travessia e pelo cuidado com a imagem quando está na aldeia, mesmo diante das circunstâncias das conversões.

Para embasamento teórico sobre a vida de Pedro de fogo não obtive sucesso em encontrar, apesar de ter autores que falavam em pessoas da Barra e Cumaru como Gekbede Silva e Edith Bacalhão. Mas através dos relatos orais de Mãe Santa foi que tive conhecimento sobre ele, e assim fiz as entrevistas que resultaram no quarto capítulo deste trabalho.

Já as entrevistas realizadas com Mãe santa, seu Pedro e dona Raimunda, Edvaldo e dona Lurdes, Nil e Nova demonstram a interação que existe entre os moradores da aldeia Cumaru e Barra do Camaratuba. Esta interação é produzida, além de outros motivos, pela manifestação da festa do São Pedro que emite a importância da memória como agente operante na reconstrução e permanência da festividade do São Pedro e a visão dos que foram e são integrantes sobre a tradição.

Apesar das conversões, a tradição que permeia as duas comunidades em comemorar o dia do São Pedro continua resistindo, desde seu início entre 70 e 80 não houve um ano que a procissão deixou de ir para a aldeia levando a imagem. Falo isto porque Mãe santa e dona Lurdes me passaram a informação de que a tradição acontece até os dias atuais sem interrupção, embora em 2017 quase que seria o primeiro ano a não ter a procissão, boatos ocorreram falando que na aldeia não teria ninguém para ficar responsável pelo santo, mas com muita força de vontade as duas comunidades realizaram a procissão, estando responsável pelo santo os próprios fiéis da aldeia Cumaru.

Por falar em procissão, lembramo-nos dos conceitos de festa e isso nos leva a festa do São Pedro, a definição para esta festa é dada como uma tradição que vem acontecendo por muito tempo e na fala dos interlocutores eles demonstram o quanto seria infeliz um desaparecimento de tal. O coletivo presente neste contexto é o que fortalece e faz permanecer o legado deixado por pessoas que já partiram, e o desejo dos que hoje ainda participam dessas comemorações é que não se deixe acabar, pois como diz Nil em entrevista “*tradição não se deve acabar*”.

Partindo desse ponto, o trabalho trás para as futuras pesquisas nessa área a sugestão de ampliar o campo e seus objetos de pesquisa, aplicando uma exploração mais intensa dentro das duas comunidades.

Este trabalho não finaliza por aqui, ao menos para mim é parte de um desafio para ampliar e aprofundar mais o campo, tanto na pesquisa como em observação participante. Destacando, sobretudo as conversões ocorridas dentro da aldeia Cumaru, e o crescimento de diferentes denominações evangélicas na comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMARO, Rolf. As Etapas do Pensamento Sociológico: Émile Durkheim – As Formas Elementares da Vida Religiosa. Disponível em: < <http://resumodaobra.com/raymond-aron-emile-durkheim-geracao-passagem-seculo-etapas-formas-elementares-vida-religiosa/>>
Acesso em: 15 de agosto de 2018.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte – Mór, PB.** 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACALHÃO, Edith Carmen de A. **A Brincadeira do Coco:** uma expressão de cultura popular da comunidade de Barra do Camaratuba, Litoral Norte da Paraíba. 2006. 279f.. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BIRMAN, Patrícia. “**O Espírito Santo, a Mídia e o Território dos Crentes**”. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, nº 8, p. 41-62, outubro 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo.** Sociedade e Cultura, V. 10, N. 1, JAN/JUN. 2007, p. 11-27.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres, **Entre Sincretismos e “guerras Santas”:** dinâmicas e linhas de força do campo Religioso brasileiro. Revista USP, São Paulo, n.81, p. 173-185, março/maio. 2009.
- CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Patrimônio: Lazer & Turismo. v.7, 2010. p. 99-113.
- CARDOSO, T. et al. “Etnomapeamento Potiguara da Paraíba”. FUNAI. Brasília, 2012.
- CAVALCANTI, Renata Batista. **São João de Naninha:** Uma etnografia do terço de São João Batista. 2017. Monografia (Graduação em Antropologia – Visual) – Universidade Federal da Paraíba.
- CHIANCA, Luciana. **Devoção e diversão:** Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18(2), p. 49-74, 2007.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** – a essência das religiões. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**, São Paulo, Ed. Unicamp, 1998.

GUZMÁN, Patrício. O roteiro no cinema de documentário. Disponível em:

http://www.corais.org/sites/default/files/448249_0.pdf. Acesso em: 15 outubro de 2018.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução” In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

IBGE, 2010. Censo Demográfico de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes à população católica do Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL. Disponível em:

<https://www.inss.gov.br/beneficios/seguro-desemprego-do-pescador-artesanal/>. Acesso em 04 de setembro de 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

LANGDON, Ester Jean. **A FIXAÇÃO DA NARRATIVA: DO MITO PARA A POÉTICA DE LITERATURA ORAL**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999.

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Festa e sociabilidade**: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. Cadernos de História, Belo Horizonte, V.11, n. 15, 2º sem. 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **“Ensaio sobre a Dádiva”**. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENEZES, Maria A. de. **“História Oral: uma metodologia para o estudo da memória”**, em VIVENCIA. UFRN/CCHLA. Natal, n 28, 2005. Julie A. Cavignan (org.) e Márcio M. Valença (Editor).

PACIFICHYDRO, Comunidades Sustentáveis. Disponível em:

<http://pacifichydro.com.br/portuguese/sustentabilidade/comunidades sustentaveis/>. Acesso em 14 de novembro de 2017

PEREZ, Léa Freitas. . **Festa para além da festa**. In: Perez, Léa Freitas Perez; Amaral, Leila; Mesquita, Wania. (Org.). Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro: v. 2 ed. 2, Garamond, 2012, p. 21-42.

PEREZ, Lea. Antropologia das efervescências coletivas. **Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – por uma antropologia das efervescências coletivas**. In: PASSOS, Mauro. (org.) A festa na vida – Significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15-58.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “**Bye bye, Brasil**” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos avançados, 18(52), dezembro de 2004, p. 17-28.

PRELORÁN, Jorge. **Conceitos étnicos e estéticos no cinema etnográfico**. In: Jorge Prelorán Caderno de textos – Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987, p. 8-20.

SAMAIN, Etienne. “**VER**” E “**DIZER**” NA **TRADIÇÃO ETNOGRÁFICA: BRONISLAW MALINOWSKI E A FOTOGRAFIA**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n.2, p. 23-60, jul/set. 1995.

SANCHIS, Pierre. “**As Religiões dos Brasileiros**”, in Horizonte, vol.1, nº2. Belo Horizonte, 1997, p. 28-43.

SILVA, Gekbede Dantas da. **O TEMPO DAS BRINCADEIRAS: Memória, Turismo e tradição em Barra do Camaratuba – PB**. 2006.

SILVA, Severina Márcia. **A FESTA DE SANTOS REIS NA CIDADE DE ITAPOROROCA – PB**. 2017. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ANEXOS

Anexo 01 – Ladainha de São Pedro

(Cantando)

Coro: Ó São Pedro, rogai por nós! Intercedei a Deus por nós!

1- Vós apóstolo de Cristo - Intercedei!

Pelo povo desta terra? Intercedei!

Para sermos mensageiros? Intercedei!

Da palavra que liberta? Intercedei!

Coro: Ó São Pedro, rogai por nós! Intercedei a Deus por nós!

2- Vós irmão dos pequeninos? Intercedei!

Pelos pobres e doentes? Intercedei!

Pelos tristes e abatidos? Intercedei!

Pelos povos oprimidos? Intercedei!

Coro: Ó São Pedro, rogai por nós! Intercedei a Deus por nós!

3- Pescador da Galiléia? Intercedei!

Pelos simples desta terra? Intercedei!

Pela Igreja peregrina? Intercedei!

Pelos bispos e pastores? Intercedei!

Coro: Ó São Pedro, rogai por nós! Intercedei a Deus por nós!

Anexo 02 – Autorização para uso de imagem – Raimunda Candido

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Moraes de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 05 de maio de 2018.



Assinatura

| | |
|------------------------|-------------------------------|
| Nome: | Raimunda Candido da Conceição |
| Endereço: | Adeia Cumaru |
| Cidade: | Baia da Traição - PB |
| RG N°: | 887.242 |
| CPF N°: | 342.529.914-04 |
| Telefone para contato: | (83) 98613-7990 |

Anexo 03 - Autorização para uso de imagem - Josineide

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Jorais de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 05 de maio de 2018.

Josineide dos Santos Martins
Assinatura

| | |
|------------------------|------------------------------|
| Nome: | Josineide dos Santos Martins |
| Endereço: | Aldeia Cumaru |
| Cidade: | Baía da Traição - PB |
| RG N°: | 24 15 415 |
| CPF N°: | 043.418.604 - 02 |
| Telefone para contato: | (83) 98720-1981 |

Anexo 04 - Autorização para uso de imagem - Josenilton

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rafaela Florais de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 05 de maio de 2018.

Josenilton dos Santos Martins
Assinatura

| | |
|------------------------|-------------------------------|
| Nome: | Josenilton dos Santos Martins |
| Endereço: | Aldeia Pumarau |
| Cidade: | Baixa da Traição - PB |
| RG N°: | 186 532 1 |
| CPF N°: | 028.488.584-35 |
| Telefone para contato: | (83) 9 87 14-7797 |

Anexo 05 - Autorização para uso de imagem – Pedro José

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Monais de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 05 de maio de 2018.



Assinatura

| | |
|------------------------|------------------------|
| Nome: | Pedro José - Veríssimo |
| Endereço: | Aldeia Cumaru |
| Cidade: | Baía da Traição - PB |
| RG Nº: | 613.764 - 2 VIA |
| CPF Nº: | 020.485.204 - 80 |
| Telefone para contato: | (83) 9 8613 - 7990 |

Anexo 06 - Autorização para uso de imagem - Maria de Fátima

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Moais de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 16 de outubro de 2018

Maria de Fátima da Costa

Assinatura

| | |
|------------------------|--------------------------|
| Nome: | Maria de Fátima da Costa |
| Endereço: | Barra de Camaratuba |
| Cidade: | Mataraca |
| RG N°: | 813 396 |
| CPF N°: | 338.939.854-68 |
| Telefone para contato: | (83) 3297 7002 |

Anexo 07 - Autorização para uso de imagem - Edvaldo Roberto

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Monais de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 17 de outubro de 2018.

Edvaldo Roberto da Silva

Assinatura

| | |
|------------------------|--------------------------|
| Nome: | Edvaldo Roberto da Silva |
| Endereço: | Aldeia Humana |
| Cidade: | Baixa da Traição |
| RG Nº: | 1.061.553 |
| CPF Nº: | 653.952.204.53 |
| Telefone para contato: | 987311368 |

Anexo 08 - Autorização para uso de imagem - Maria de Lourdes

Autorização para Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, sem qualquer ônus, ao pesquisador Rayssa Moraes de Barros, e ao Laboratório de Antropologia Visual Arandu, a utilização de minha imagem, som e nome, assim como das atividades culturais praticadas por mim e pelo grupo ou comunidade do qual sou liderança, para a produção de documentário audiovisual vinculado às atividades acadêmicas do curso de Antropologia, disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba e do Laboratório de Audiovisual Arandu.

A presente autorização abrange tanto o uso em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado, Multimídia, home video, DVD (digital video disc) ou suportes de computação gráfica em geral, assim como a exibição pública sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos.

Rio Tinto, 17 de outubro de 2018.

Maria de Lourdes Matias da Silva
Assinatura

| | |
|------------------------|----------------------------------|
| Nome: | Maria de Lourdes Matias da Silva |
| Endereço: | Aldeia Loumaru |
| Cidade: | Baia da Traição |
| RG Nº: | 1321.392 |
| CPF Nº: | 670.914.154-34 |
| Telefone para contato: | 987311368 |